

# PERNAMBUCO

HALLINA BELTRÃO



EXCLUSIVO: PUBLICAMOS TRECHO DE ENSAIO AUTOBIOGRÁFICO DO ESCRITOR GILVAN LEMOS

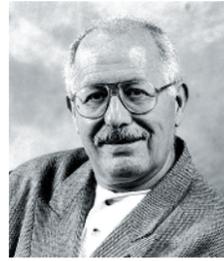
## COLABORADORES



**Hallina Beltrão**, designer e ilustradora, mestre em design gráfico editorial na Elisava (Barcelona).



**Luís Henrique Pellanda**, jornalista e escritor, autor de *Asa de sereia*.



**Silviano Santiago**, escritor e crítico literário, autor, entre outros, de *Uma literatura nos trópicos* e *Stella Manhattan*.

## E MAIS

**Flavio Pessoa**, designer e ilustrador, atualmente na revista *Superinteressante*. **Gilvan Lemos**, escritor falecido em agosto, reconhecido como um dos maiores romancistas pernambucanos. **Priscilla Campos**, jornalista. Escreve para *fugaparaoste.com.br*. **Ronaldo Bressane**, escritor e jornalista. Publicou *Mnemomáquina* (Demônio Negro) e *Sandiliche* (Cosac Naify), entre outros. **Sidney Rocha**, autor de *Fernanflor*.

## CARTA DOS EDITORES

**No que o menino** se transforma quando ele já não mais é menino? A metamorfose já está em processo, não adianta mais voltar, ou melhor, só adianta voltar. Em um conto inédito de Luís Henrique Pellanda, enviado especialmente para o **Pernambuco**, se revive o processo onde mutações e memórias se fundem, em um tributo ao centenário de uma das obras seminais da literatura moderna, a própria *A metamorfose*, de Franz Kafka. Pellanda, que confessa não ter tido muito contato com literatura infantojuvenil quando criança, parece estar inspirado pela presença da filha – e pelas leituras que faz ao lado dela – para falar de como as crianças são as fundadoras das primeiras transfigurações que sofremos em vida. Se articulando também com a metáfora maior da obra kafkiana, Raimundo Carrero esmiúça a ambiência psicológica e os cortes narrativos da desventura de Gregor Samsa. A edição traz ainda um inédito texto autobiográfico de Gilvan Lemos, um dos maiores romancistas pernambucanos, falecido recentemente. Gilvan, que costumava falar pouco sobre si próprio, revela

nesse trecho um tom irônico ao se debruçar sobre seus próprios “azares”. O texto completo sairá numa biografia do escritor que está sendo preparada pela **Cepe**. Temos ainda um especial escrito por Priscilla Campos sobre o *boom* da publicação de contemporâneos autores holandeses no Brasil, os pontos em comum entre eles, a navegabilidade de suas escritas. Destaque ainda para uma revisão de Silviano Santiago sobre *Stella Manhattan*, o livro que há 30 anos criava um diálogo entre dois gêneros de um só corpo, numa identidade mais contemporânea do que nunca. Outra personagem que parecia perdida no tempo e é posta de volta ao debate se chama Jean Louise, protagonista de *O sol é para todos* que ressurge com a publicação de *Vá, coloque um vigia*, o livro “perdido” de Harper Lee. Há quem se espante com a revelação de que um dos heróis mais queridos da América tenha sido, desde sempre, um racista. Mas no texto de Carol Almeida o que se coloca é que o buraco é sempre mais embaixo.

**Uma boa leitura e até o mês de outubro.**

## PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Governador

Paulo Henrique Saraiva Câmara

Vice-governador

Raul Henry

Secretário da Casa Civil

Antonio Carlos Figueira

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO – CEPE

Presidente

Ricardo Leitão

Diretor de Produção e Edição

Ricardo Melo

Diretor Administrativo e Financeiro

Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL

Everardo Norões (presidente)

Lourival Holanda

Nelly Medeiros de Carvalho

Pedro Américo de Farias

Tarcísio Pereira

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO  
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO  
Luiz Arrais

EDIÇÃO

Schneider Carpeggiani e Carol Almeida

REDAÇÃO

Dudley Barbosa (revisão), Marco Polo, Mariza Pontes e Raimundo Carrero (colunistas)

ARTE

Janio Santos, Karina Freitas e Manuela dos Santos (diagramação e ilustração)

Agelson Soares e Pedro Ferraz (tratamento de imagem)

PRODUÇÃO GRÁFICA

Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE

Daniela Brayner, Rafael Lins e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO

Gilberto Silva

**Cepe**  
EDITORA

PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE  
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife  
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação  
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

SUA REVISTA DE CULTURA  
AGORA, TAMBÉM,  
NA VERSÃO DIGITAL.



A revista *Continente* completa 15 anos com uma novidade pioneira no Nordeste: ganhou versão digital. Isso significa que, agora, você também tem a melhor informação sobre arte, cultura, história e comportamento no seu tablet. Tudo com interatividade e conteúdos extras de vídeo e áudio. Faça o download do app Revista *Continente* e tenha acesso, gratuitamente, às edições #171 e #172 para navegar e experimentar.



ASSINATURA ANUAL R\$ 150,00 IMPRESSA + DIGITAL

revistacontinente.com.br | f/revistacontinente | @revcontinente | @revistacontinente

## BASTIDORES

# As criaturas nunca vêm a passeio

Esmiuçando as virtudes e defeitos do personagem central de seu novo romance, autor se pergunta: de quem se trata esse outro que, no fundo, somos?

JANIO SANTOS



## Sidney Rocha

### Quem é Jeroni Fernanflor?

Alguém que pode merecer mais do que ódio, amor e compaixão.

Está vivo e caminha desobrigado de verdades. Mas de qual verdade cuidaria, num mundo da mais-valia, do mais-que-verdade, do sonho da hipérbole devastadora por todos os lados?

Para o escritor, a verdade só é possível no largo universo da linguagem. Ela iguala tudo: indivíduo e multidão. E Jeroni está preso a esse beiral: o peso coletivo de solidão, o sonho do individualismo inalcançável.

Quem é?

Fernanflor é o retratista, retrato e retratado em *Fernanflor*, meu romance.

Ele não acredita na salvação se não chegamos sozinhos lá e, nisso, inaugura a desumanidade mais humana, porque reconhece a tragédia de sempre precisarmos do Outro para nos contemplar. O Outro nos preenche. O Eu é um truque ao espelho.

Fernanflor talvez considere tolice amar qualquer sonho de liberdade, essa Ilha.

Mas isso são ideias altas ou demasiadas ou em vão.

Personagens não são feitos de ideias, mas de coração e experiência. Parte da experiência pode até dá-la o escritor, no entanto o coração e sangue para bombear dá-lo certa estirpe de demônio inato, o tipo com o qual ou se nasce com ele ou não se é escritor, como disse Faulkner.

É no coração humano do personagem que pulsa a verdade.

E é a desumanidade, e não o espírito elevado, a única ferramenta de Jeroni para retratar os seres humanos em torno de sua gana e ganância, maravilhosos pela morte, pela vaidade e pelo o dinheiro, onde estão iludidos pela descoberta do gene da felicidade. Jeroni não estranha nenhuma dessas coisas humanas, sofrimentos – paixões; estão doentes de feiuras, têm a vida impregnada por ardis de todo azar. Porém, não é juiz de nada, embora pudesse ter sido tudo o quanto seu desejo fundasse. Assim como é, acredita elevar ao máximo sua experiência humana na Terra.

Pouco importa se o mundo é justo ou injusto. Ele pinta.

Quem?

A tristeza ou a alegria são para ele expressões da beleza vital. A pintura é sua sublime pilhagem, assim como o sexo é para a psicanálise. Aliás, talvez tenha sido para conter tanta interpretose que Jeroni Fernanflor recusou-se a pintar o retrato de Sigmund Freud. “Não me interessei pela encomenda. Repassei.”

Ele atira. Altera a emoção do bando. Supera todos no apogeu e cada um na derrota. Ou é como diz Gonçalo M. Tavares olhando nos olhos de Jeroni: “Quanta arrogância necessitas para sentir que o prédio mais alto é mais baixo que tu!”. “Também tu não escaparás! O ponto final é, por vezes, um ponto, mas ponto-bala em plena testa.”.

Esta constatação não serve também para cada um de nós o tempo inteiro?

Quem não é Jeroni Fernanflor, afinal?

“Jeroni nos engole. Jeroni me engoliu. Estou dentro dele, agora.”, disse Lourenço Mutarelli diante da Ilha Redonda, em *Jeroni*.

Leitor e autor de romances não dão nenhum passo sem assinar esse pacto de devoração e devotação um pelo outro.

Por isso, criaturas de romance nunca vêm a passeio.

Tranquilo, ocioso e altivo, Jeroni caminha. Avança pelo *magasin*, senhor de si e de suas emoções, sem que nada, nem o tempo, possa feri-lo. Ele imagina e só depois o mundo passa a existir. O mundo da representação, desejo e beleza. E de nenhum escrúpulo.

Ele é o que faz?

Observa. Tem a imaginação alterada pela observação da realidade. E a observação alterada pela imaginação. Nisso se iguala a um escritor.

Mas se o perguntássemos, diria não acreditar na literatura, assim como não crê nas luzes nem nas perspectivas. Acredita redondamente na beleza e em nenhuma outra mágica. Todas as outras coisas no planeta são manchas de ideias.

Daria sua vida e colocaria sua fortuna na roleta para sentir outra vez o perfume da inocência. Mas a vida e o romance são o reino da experiência, onde nada é fixo e cada um está *naturalmente* no seu lugar. Esse concurso de forças pode engendrar as reações mais imprevisíveis e aterradoras. Sem saber porque, continuamos pactuando com essas criaturas. E, quando falamos em pactos, se lemos romances o suficiente, presumimos de quem afinal é a vitória.

Mas sempre acreditamos na virada, a cada página.

Por isso ler é uma das atividades mais mal pagas e arriscadas.

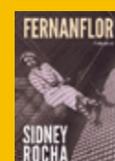
\*\*\*

Quanto a mim, contemplo daqui o sol violeta da ilha sem-fim e sem-começo, das verdades excessivas. Leio as provas de revisão enviadas por Samuel Leon. Tanto tempo depois de ter escrito este romance, sinto Jeroni ainda me empurrando fortemente livro adentro. Ele e suas contradições. Sua alma, boa e má, empurra, empurra com a certeza de fazer pulsar para sempre o coração do seu tempo: o agora.

Isso me faz amá-lo, odiá-lo, e compreender que o Eu é só um truque, mas certamente o truque mais perigoso. Montado nesse *cavalo de eletricidade*, vejo progredir a convicção de que foi para isso que cheguei até aqui. Depois de muitos anos, choro, porque descubro ter passado estes cinquenta anos escrevendo esse romance. Isto me conclui. Me cerca. Me enterra. Fernanflor finda por me escrever.

### O LIVRO

**FERNANFLOR**  
**Fernanflor**  
 Editora Iluminuras  
 Páginas 112



## RESENHA

# Quando o erro não pode ser negociável

“Novo” livro de Harper Lee redimensiona nosso olhar sobre *O sol é para todos*

Carol Almeida

MANUELA DOS SANTOS



**Esta não é uma história** sobre heróis, anti-heróis e, menos ainda, vilões. É sobre as pessoas que vivem na linha de tiro entre esses personagens cristalizados em nossas narrativas cotidianas e sobre o espaço de concessão entre nossa formação moral e o funcionamento social. Jean Louise, a personagem central de que se vai falar aqui, é alvejada de todos os lados. Sua consciência e a razão ética em um front, o sentido de pertencimento à família, a um espaço, em outro. Jean Louise é uma personagem de mais de 50 anos atrás, quando não havia redes sociais ou comentaristas de portais de notícia. E, no entanto, a distância entre o seu Alabama-EUA no pós Segunda Guerra e a fila na padaria de qualquer bairro classe média num Brasil de ontem, hoje e amanhã se mede com uma trena de menos de três metros. Jean Louise está em todas as pessoas desconfortáveis no sofá, com as opiniões fundadas em crenças cegas e segregacionistas. Ela está no movimento que precede cada amizade desfeita no Facebook e, particularmente, está no momento em que se decide relevar o outro em nome de uma ceia de Natal sem grandes polêmicas.

Escrito em meados dos anos 50, *Vá, coloque um vigia* (*Go set a watchman* no original), o livro que tem grandes chances de fechar o ano com o primeiro lugar entre os títulos de ficção mais vendidos nos Estados Unidos, é, dentro e fora de suas páginas, um debate atual e necessário. Mas o caminho que as críticas sobre esse lançamento estão tomando segue a direção errada. Muito se fala sobre a decepção de ver agora exposto como racista um personagem por tantos anos emoldurado entre sólidas madeiras da retidão ética, da Justiça e do discurso racional pela igualdade, quando o mais tocante de tudo não é a queda da máscara, e sim ter de admitir que fomos nós quem modelamos essa máscara no começo de tudo, como se instintivamente estivéssemos negando que, por trás dela, esteja vivo algum reflexo bisonho nosso e a inabilidade de lidar com esse espelho.

A autora do romance em questão, Harper Lee, o escreveu antes do primeiro e único livro que havia publicado até agora: *O sol é para todos*, clássico absoluto da literatura norte-americana, lido por várias gerações de jovens e adultos brancos que viram na figura do advogado Atticus Finch uma espécie de remissão dos pecados, uma *mea culpa* por todo o sangue jorrado em plantações de algodão. O homem branco que vai dar o seu melhor para, num julgamento fadado ao fracasso, salvar um homem negro, já que este sozinho nunca poderia ser o mestre de sua própria redenção. Quando o romance chegou às livrarias em 1960, já aconteciam nos Estados Unidos as primeiras reuniões do Movimento dos Direitos Civis. Dois anos depois, quando o livro foi adaptado para o cinema, com aquela câmera levemente inclinada de baixo para cima, jogando um spray de grandiosidade no Atticus Finch de Gregory Peck, veio a imagem que faltava para condensar um personagem didático que ensinasse à população branca o que estava por vir. O sucesso do livro e do filme jogaram sobre aquela jovem autora holofotes tão pesados que ela decidiu não mais publicar nada em vida. *O sol é para todos* seria sua única obra.

Mais de 50 anos depois de todos esses eventos, em um movimento muito suspeito, a advogada da escritora afirma ter “descoberto” o manuscrito e conseguido autorização por escrito da própria Harper Lee, que muitos afirmam estar senil, para publicar este que teria sido um livro escrito antes do seu *one and only best-seller*. Numa história que, narrativamente, se encaixa como uma continuação temporal dos acontecimentos de *O sol é para todos*, *Vá, coloque um vigia* só não havia sido publicado porque a então editora de Lee, Tay Hohoff, teria aconselhado a escritora a lançar primeiro o manuscrito que partia do ponto de vista de uma Jean “Scout” Louise ainda criança. Sabiamente, a senhora Hohoff viu naquela primeira pessoa pueril, encantada com a aparente



sobriedade e gentileza de seu pai, a chance de criar mais um paladino da América Livre. O romance que chega agora às livrarias traz uma Jean Louise adulta que, após longa temporada em Nova York, volta para a cidade fictícia de Maycomb, Alabama, e descobre que não apenas seu pai, mas todas as pessoas que ela amava e tomava como “os seus” participam de grupos organizados para conter os avanços de direitos da população negra. E, pior, constata que o mesmo homem que ela havia mantido num pedestal por tantos anos seria membro até do Ku Klux Klan.

Em *Vá, coloque um vigia*, há uma afirmação simplória, mas bastante elucidativa sobre o caráter do romance, em que se lê: “Preconceito, uma palavra suja, e fé, uma palavra limpa, têm algo em comum: ambas começam onde termina a razão”. Simplória porque a “razão” é, com mais frequência do que nossa herança iluminista supõe, ideológica, cede aos encantos do poder. Para vários personagens do livro, por exemplo, é racional supor que os negros são intelectualmente mais atrasados que a população branca. É preciso pontuar que tal afirmação não chega a ser contestada pela protagonista do livro, a jovem Jean Louise, que se diz, numa falácia perpetuada até os dias de hoje, “colorblind”. Ou seja, ela teoricamente não vê distinção de pele. Na prática, no entanto, mesmo estruturalmente abalada com o desvelamento da intolerância ao redor, ela é capaz de vir com diálogos do tipo “não é que eu vá me casar com um homem negro”. Escrito nos anos 50, de nenhuma forma esse tipo de frase seria tomado como uma postura preconceituosa pela branca crítica literária de então. Deslocada, sem edição, para os dias atuais, ela reverbera bastante com o discurso do “eu não sou racista/machista/homofóbico, mas...”

A razão que supostamente delimita as fronteiras do preconceito e da fé não é, portanto, uma estátua renascentista inabalável, como o livro coloca em

## O mais tocante de tudo não é a queda da máscara, e sim admitir que fomos nós quem modelamos essa máscara

vários momentos, de forma até ingênua. Razão é construção dedutiva elaborada, muitas vezes, por meio de abstrações. *Vá, coloque um vigia* entende isso apenas em dois momentos pontuais. Primeiro quando Jean Louise sai à procura de Calpurnia, a empregada negra da família que cuidou dela e de seu irmão “como se” fosse mãe deles e pergunta se ela, agora aposentada, a odeia. Racionalmente, Calpurnia teria todos os motivos históricos para exercitar esse ódio ao longo de sua vida, mas nada é tão simples assim no que tange ao afeto. No entanto, a despeito de qualquer laço emocional que tenha sido construído sob uma relação de poder, a ex-empregada deixa claro que aquele espaço dos Finch nunca foi o seu espaço, e que com ele não interessa ter mais contato, diálogo, concessão. O preconceito, a fé e a razão significam uma coisa só para Calpurnia: todos operaram para negligenciar não somente ela, mas também seus filhos e netos.

Por fim, no último capítulo, um desfecho anticlímax desfaz esse binômio da razão x preconceito-fé. Jean Louise se rende. Acredita que, apesar das sérias divergências com o pai, ele ainda é um “homem de bem”, para usar expressão contemporânea popular. E que ela precisa aprender a conviver com sua família da forma que for possível, leia-se, com ela (e somente ela) anulando um pouquinho aqui e um pouquinho ali a sua visão de mundo. Para aceitar o pai novamente, Jean Louise antes aceita seu próprio erro, de quem passou toda a infância e adolescência construindo um personagem fictício, o que de certa forma redime o personagem de Atticus, culpabilizando a protagonista por não ter visto o que sempre esteve bem diante de seus olhos. Em tempo: um artigo publicado recentemente no site *Jezebel* pela escritora Catherine Nichols indica todos os trechos de *O sol é para todos* em que Harper Lee dá pistas de que o advogado era, já ali, racista.

“O momento em que seus amigos mais precisam de você é quando eles estão errados, Jean Louise. Eles não precisam de você quando estão certos”, diz o tio de Jean Louise quando ela busca achar saídas para o dilema entre rejeitar seu pai por completo e voltar para a Nova York liberal ou permanecer em Maycomb e lidar com a sociedade sulista-racista. É um conselho bonito, esse do tio dela. Podemos aplicá-lo em diversas situações, usar profeticamente em conversas de fim de noite. Mas há algo muito perigoso nele. Lido pelos olhos de uma sociedade que inegavelmente amadureceu sua articulação política e está cada vez mais atenta às armadilhas da afabilidade no discurso de quem sempre deteve o poder, uma frase como essa, onde se equivale “errados” a “membros do KKK”, deixa pouco espaço de negociação. O que Harper Lee parece colocar então é que não importa o quanto as convicções sejam opostas, sempre haveria brechas de diálogo. A importância da publicação neste momento de *Vá, coloque um vigia* está bem menos na revelação do caráter de Atticus, tampouco na mensagem apaziguadora de sua protagonista, mas sim na pergunta: em função de nossa sociabilidade cada vez mais mediada por redes virtuais, nas quais é fácil criar novos grupos de pertencimento, até que ponto as pessoas estariam dispostas a ceder a tamanho abismo moral?

Harper Lee, que em *O sol é para todos* conseguiu criar uma relação entre medo e ignorância a partir do uso narrativo de fantasmas e sombras que perseguiram as crianças, constrói raciocínios ingênuos nesse “novo” romance. A elaboração dos personagens é certamente bem mais fraca (pesa a ausência da editora/editor) e, como diria a escritora Ursula Le Guin, chega a ser implausível que Jean Louise, tendo crescido num Alabama completamente racista, não herdasse ao menos a compreensão de ter vivido nesse ambiente preconceituoso e se tornado um pouco empática a ele. Mas apenas o fato de que o livro agora publicado, um romance que literalmente desmascara o espólio racista do Sul dos EUA, terminou sendo negligenciado em nome de outro livro que romantiza esse legado, fala muito sobre as intenções de um mercado editorial que, tal como as pessoas da sala de jantar, sempre esteve mais interessado em agradar que em gerar atritos. Não que a recente publicação tenha surgido com a nobre intenção de criar qualquer debate, pois tudo na história desse “manuscrito achado” rima com ambição comercial. Mas não deixa de ser curioso assistir ao esfacelamento de um mito e levantar questões que a Harper Lee dos anos 50 possivelmente não imaginava que iriam ganhar peso entre leitores de hoje. Questões como o machismo, muito presente em ambos os romances, e mesmo uma certa fluidez de gênero da protagonista (*alter ego* de Lee) que, quando criança, sempre se identificou muito mais com elaborações de corpo masculinas que femininas.

Entre altos e baixos, ecoa, ao fim da leitura, uma assertiva de Atticus Finch que, questionado pela filha sobre suas convicções, diz: “[...] hipócritas têm tanto direito de viver nesse mundo quanto qualquer outra pessoa”. Jean Louise/Harper Lee não consegue rebater o pai, tão gentil, tão atencioso. Porque ela não se dá conta de que são dos hipócritas o governo do mundo. Ao tentar vitimizar um lugar de fala que sempre foi de privilégios, Atticus usa o velho truque da psicologia reversa (e, neste caso, perversa) e adquire feições muito semelhantes às de pessoas com quem volta e meia esbarramos. Atticus está na sala. Alguém vai se retirar?

## ENTREVISTA

## Ana Martins Marques

# Para escalar e cair em versos montanhosos

Em seu terceiro livro, a poeta belorizontina cartografa desejos e explora o modo como os afetos formam e deformam nossa relação com os lugares

Entrevista a **Ronaldo Bressane**

**Mineiramente, na miúda,** Ana Martins Marques ganhou um lugar muito peculiar dentro da poesia brasileira contemporânea. Seus versos têm humor, são pródigos em achados verbais sobre sentimentos perdidos, e cavocam o lugar nenhum por trás do lugar comum; cheios de mumunhas, não fazem munganga; são, antes de tudo, minimalistas como as cidadezinhas mineiras que nos encantam a cada curva da estrada, em todo desvão de montanha. Mesmo os poemas mais narrativos não são dados à fala em espaço aberto; preferem um diapasão secreto, como um sussurro a conta-gotas. No entanto, não sonham sua vocação *pop*, sintética, e, felizmente, nada hermética. Ana escreve desde criança, e ainda conserva o espanto infantil sobre os astros e os desastres do mundo: “Tenho comigo alguns desses textos da infância (lembrete: queimar tudo)”. Porém, só lançou o primeiro livro em 2009: *A vida submarina* (Scriptum), que ganhou o Prêmio Cidade de Belo Horizonte. Formada em letras, a belorizontina safra 1977 fez mestrado em literatura brasileira e doutorado em literatura comparada, mas, em vez de se tornar professora, evoluiu por um ofício tradicional a poetas brasileiros: funcionária pública – trabalha como redatora e revisora na assembleia legislativa. Depois do segundo livro, muito bem acolhido por crítica e público – *Da arte das armadilhas* (Companhia das Letras, 2011), já em segunda edição e levou o Prêmio Alphonse de Guimaraens –, Ana chega ao terceiro título. *O livro das semelhanças* (Companhia das Letras) tem forte componente metalinguístico. A primeira parte emula um livro: há poemas para a capa, a dedicatória, o sumário, a contracapa. Uma segunda parte é ligada às cartografias do coração. E a terceira, confessional como só Ana Martins Marques consegue – na manha, mineiramente mordaz: “Acendo um poema em outro poema/ como quem acende um cigarro no outro/ Que vestígios deixamos/ do que não fizemos?/ Somos cada vez mais jovens/ nas fotografias”. **Pernambuco** conversou com a poeta não ao vivo, infelizmente – é que Ana só se abre em e-mail. E como fala!

RODRIGO VALENTE/DIVULGAÇÃO



**Vou confessar uma coisa: detesto poesia que fala de poesia. Confesso outra: adorei seus poemas que falam de poemas. Como foi se deter sobre o próprio fazer e não se render à fetichização ou super intelectualismo da metalinguagem - que, no limite, pode levar à frieza e ao afastamento do leitor?**

Ao contrário de você, eu tendo a gostar de poemas que falam de poemas: gosto da ideia de uma poesia que explora seus materiais, mais ou menos como as artes plásticas ou a música, e que procura de alguma forma pensar sobre eles. Mas entendo as suas ressalvas em relação à poesia metalinguística. Existe no Brasil uma tradição importante de poesia sobre a poesia; até por isso, o exercício da metalinguagem na poesia parece mesmo um pouco arriscado: há sempre o risco da mera repetição, ou de um excessivo fechamento da linguagem em torno de si mesma. A poesia é sim linguagem que se volta para si mesma, mas acho que nesse movimento ela pode

captar, ainda que furtivamente, alguma coisa de fora. Por isso gosto de pensar que os meus poemas nunca são exclusivamente metalinguísticos: há poemas de amor “disfarçados” de poemas metalinguísticos, ou poemas metalinguísticos que subitamente se transmudam num poema de amor. Nos meus dois livros anteriores há muitos poemas sobre poemas. Neste livro não é diferente. O que há de um pouco diferente é que agora há poemas que se voltam não só para a materialidade do poema ou da linguagem, mas para a materialidade do próprio livro.

**Como é ser mineiro e ser obrigado a conviver com a sombra de Drummond?**

Olha, acho que nunca pensei em Drummond como uma sombra. Quando lemos Drummond, temos a impressão de que está tudo lá: a lírica amorosa, dos poemas de dicção mais elevada aos deslavadamente, docemente pornográficos. O empenho social e político, e a reflexão sobre o engajamento

“*Publicar é fazer uma intervenção no espaço público e o espaço público foi por muito tempo reservado aos homens*”

e seus dilemas. O verso livre, o poema-piada, a dicção coloquial e irônica, e a revisitação das formas clássicas. A poesia do cotidiano e a reflexão da poesia sobre si mesma. A poesia memorialística. O poema que incorpora traços dramáticos ou narrativos. A poesia-pensamento, com uma incrível potência reflexiva. Os poemas de circunstância. É como uma grande matriz a partir da qual várias poéticas diferentes poderiam ser construídas. Ao mesmo tempo, a “influência”, ou a “referência”, ou mesmo a “herança” nunca são passivas, mas um trabalho complexo que pode incluir a apropriação, a resistência, a desmontagem, e que sempre supõe, como diz a Silvina Rodrigues Lopes, ao mesmo tempo amor e infidelidade ao que se recebe. A questão é sempre como construir, a partir da memória e do esquecimento das nossas leituras, um caminho pessoal, um entendimento do que a poesia pode ser, das forças que ela pode colocar em movimento.

**Você integra uma geração que, a meu ver, oxigenou a poesia brasileira — e, talvez não por acaso, formada só por mulheres: Angélica Freitas, Bruna Beber, Alice Sant’Anna, Laura Liuzzi, Marília Garcia e muitas outras. Percebo nelas um apreço pela fluidez que aproxima os versos de uma dicção prosaica (possivelmente eco de Ana Cristina César). Você se reconhece nessa geração?**  
Acompanho a escrita delas com o maior interesse, com admiração, com alegria. Consigo

ver certos pontos de contato, e também, claro, algumas diferenças. Sua hipótese de que essa familiaridade passa pela Ana C. é bem interessante, embora o modo de colocar em funcionamento esse diálogo seja obviamente diferente em cada uma dessas poetas. A Marília Garcia, por exemplo, trabalha muito com a narratividade, o poema longo, que estabelece uma relação com o ensaio, e também com a anotação, próxima do diário. É uma poesia que pensa e que se pensa, e que atravessa várias paisagens: paisagens da viagem, da memória, mas também da tradução, do cinema, da reflexão teórica. A Alice também explora essa dimensão narrativa, que frequentemente são pequenas histórias, ao mesmo tempo que mantêm um sentido muito acurado do corte do verso. A Bruna tem uma apropriação muito legal da oralidade, um trabalho de recolher restos, ruídos, um corte rápido, quase brusco, que cria aproximações inesperadas; são poemas que, embora também funcionem no papel, convidam à leitura em voz alta. Tem uma música do poeta Renato Negrão, gravada pela Juliana Perdigão no seu *Album desconhecido*, que diz: “Que bom, que bom, que bom ser contemporâneo seu”. Mais do que reconhecimento geracional, o que sinto é essa espécie de alegria de conviver com essa turma.

**Vou te encaminhar uma pergunta que me fizeram em uma recente mesa com outros escritores (todos homens):**

**existe literatura feminina? Existe literatura feminista? E além: a militância em uma causa é essencial à literatura?**

Pessoalmente sempre me incomodou que a recepção da literatura escrita por mulheres ficasse frequentemente atrelada à questão do “feminino”, que essa fosse quase sempre a questão de início, o que nunca acontece em relação à literatura escrita por homens. Nunca vi nenhum homem ter que responder se existe ou não “literatura masculina”. O fato de um escritor ser homem não é considerado uma idiossincrasia e a literatura escrita por homens nunca ou quase nunca é lida como “literatura masculina” (ela é lida como “universal”, embora “masculino” e “masculinidade” sejam posições tão construídas quanto “feminino” e “feminilidade” e embora obviamente seja possível detectar marcas de uma “experiência masculina” em textos escritos por homens). Para mim a escrita literária é um lugar de deslocamento, de alteridade; me interessa pensar a literatura como esse lugar instável em que as identidades são colocadas em xeque, ou são expostas em toda a sua força de metamorfose – um lugar em que a identidade não se “expressa”, mas se “inventa”, se “joga” –, e sobretudo acredito que o poder e a radicalidade da literatura dependem de que ela não seja redutível a um discurso, seja sociológico, seja filosófico ou moral; de que ela não seja lida como mero veículo ou suporte de um discurso prévio, por mais bem-intencionado que ele seja. Isso obviamente

“*O poema, se for um bom poema, vai gerar desconhecimento, dúvida, hesitação, vai complicar a vida*”

não me impede de notar o quanto o sistema literário, apesar da ampliação expressiva da presença das mulheres, ainda se mantém em muitos aspectos predominantemente masculino. Publicar é fazer uma intervenção no espaço público, é tornar público, e o espaço público foi por muito tempo reservado aos homens e ainda é em grande parte masculino, embora isso esteja felizmente mudando. Então eu tenho em relação a essa questão uma posição um pouco ambivalente (e talvez propositalmente ambivalente): me interessa afastar certos rótulos rápidos e a postulação de posições identitárias rígidas ou de uma “essencialidade” feminina que se manifestaria nos textos escritos por mulheres, e ao mesmo tempo assumir uma atenção crítica em relação às questões de gênero no espaço literário, que inclui não somente os textos, mas as instâncias de legitimação, as editoras, o jornalismo cultural, as escolas, a universidade, a historiografia e a crítica literárias, os festivais, as premiações.

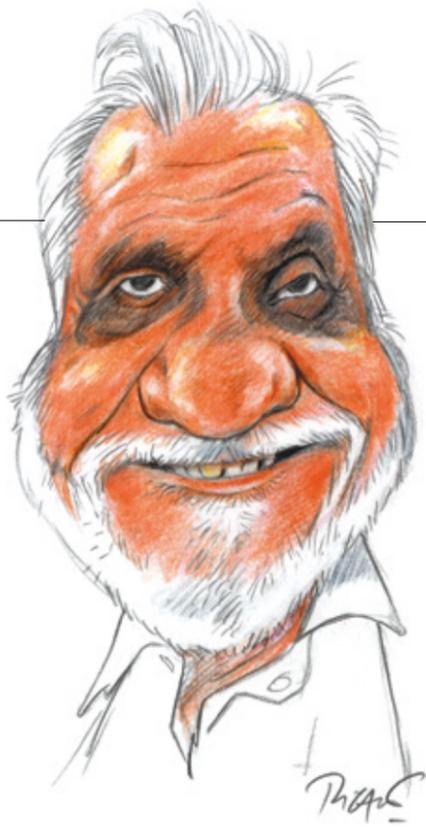
**Sua poesia também embute no lirismo o humor nonsense, como em ‘Poemas reunidos’ e na seção ‘Visitas ao lugar-comum’. Essa marca ficou mais característica neste livro. Existe uma busca pela leveza?**

Legal você dizer isso; acho que os meus poemas têm sim um certo humor, mas se não me engano ninguém nunca me disse isso (o que deve querer dizer que esse humor não funciona lá muito bem...). Não sei se é uma marca desse último

livro. Vejo algum humor em poemas dos livros anteriores, ou pelo menos alguma ironia, sobretudo nos poemas de amor. Nós tendemos a desconfiar dos poemas de amor, ou ao menos nós já sabemos que o amor é uma coisa aprendida nos poemas de amor; tem algo de cena, ou de citação, em cada poema de amor, e me interessa jogar com isso nos meus textos.

**Por fim, a seção ‘Livro das semelhanças’, permeada de melancolia e ‘afastamentos’, parece adivinhar a impossibilidade do desejo morar dentro da palavra desejo. Não há conforto possível, talvez nem mesmo na poesia?**

Se existe alguma linha que costura os poemas dessa seção é mesmo isso que você chamou de “afastamento”, ou essa indagação sobre a fratura, entre coisas e palavras: “Quanto do desejo mora/ na palavra desejo?”. Nunca pensei na literatura como lugar de conforto. A poesia em particular não vai nos dar respostas, nem vai nos dar acesso a algum conhecimento sistemático sobre o mundo, mas ela pode dar forma à nossa perplexidade, medos, desejos, desequilíbrios. A poeta Luiza Neto Jorge tem um verso muito bonito que diz “O poema ensina a cair”. O poema, se bom poema, vai nos ensinar a cair, vai gerar desconhecimento, dúvida, hesitação, vai complicar a vida, nos tornar mais inquietos, mais desamparados, mas vai também nos convidar a ver o mundo de uma forma mais complexa, a mudar a compreensão que temos de nós mesmos e dos outros.



## Raimundo CARRERO

# A Metamorfose: a história de uma metáfora

De como Kafka armou a angústia perfeita para os tempos em que vivemos

**Este é um mundo kafkiano.** A frase, de tão repetida, elogiada e ressaltada em todos os lugares, tornou-se medíocre. A culpa, óbvio, não é de Kafka, mas a sua influência é imperativa. Não se pode negar a sua força e a sua precisão a partir daquele início exemplar de *A metamorfose*, um achado literário mais do que uma expressão filosófica. Sim, porque a novela é absolutamente literária, criada com base no ponto de vista filosófico do autor, através do narrador, porque assim são os elementos essenciais da narrativa, conforme expressão de Graciliano Ramos, um dos escritores mais técnicos do Brasil. Aí se destaca, sem dúvida, a diferença fundamental entre a ficção, produzida como obra de arte, portanto compromissada com a estética e a invenção, e o texto ensaístico ou jornalístico, que visa, sobretudo, a precisão. No ensaio ou no jornalismo, o narrador poderia escrever uma frase – ou um jogo de frases – correta, bela, incisiva. Na ficção, os escritores têm a liberdade de investir em metáforas, símbolos e imagens, de forma a criar com visibilidade e força, ainda que abra caminho para interpretações.

Começar uma história é sempre um problema. Para a maioria, a primeira frase é o segredo; para outros, é preciso encontrar o ritmo – denso ou leve – e o clima narrativo. O exemplo mais eloquente é, sem dúvida, o começo de *A metamorfose* de Kafka, que coloca o leitor imediatamente dentro da história.

“Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso”, proclama o narrador, impiedoso e franco, metafórico, numa imagem dolorosa, cuja credibilidade está ligada ao mundo interno da ficção e não à realidade concreta. O ensaísta diria: “Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, sentia-se maltratado, humilhado e ofendido”. Sem dúvida um belo começo, bem escrito e simples, mas não é literatura. A literatura reclama invenção e beleza, metáfora e imagens, já disse. E, através dela, provoca e inquieta o leitor.

E ainda mais, a novela não tem um único narrador, como parece ter, mas um narrador em terceira pessoa, outro em primeira pessoa – o próprio Gregor Samsa – e outros tantos narradores dissimulados, como se verá daqui pra frente.

Mais claro ainda:

Terceira pessoa: “Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso”.

Ainda terceira pessoa – “estava deitado sobre suas costas duras feito couraça e, ao levantar um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido por nervuras arqueadas, no topo do qual a coberta, prestes a deslizar de vez, ainda mal se sustinha. Suas numerosas pernas, lamentavelmente finas em comparação com o volume do

resto do corpo, tremulavam desamparadas diante dos seus olhos.”

Narrativa em falsa terceira pessoa – quem viu? E o que viu? Gregor Samsa, que *passa* a narrar dizendo o que viu, mas o narrador dá-lhe uma terceira pessoa que, no entanto, é falsa. Estas são as técnicas narrativas que enriquecem a obra de ficção com artesanato exemplar.

Grito primal interno – “O que aconteceu comigo? – pensou”. Gregor pensa e grita porque viu, assombrado.

Outra frase incisiva do narrador para que o leitor, inteiramente seduzido, entre no plano do real, mostrando dois planos bem definidos – o fantástico em todo primeiro parágrafo e concreto ou real em todo segundo parágrafo.

É uma riqueza muito grande de técnicas e de movimentos presente no livro, de forma que o leitor não se sente enganado, mas permanece todo o tempo seduzido. Podemos dizer então que a narrativa começa na terceira pessoa, passa para a falsa terceira pessoa porque é o personagem que, indiretamente, narra o que vê. Vejam que predomina no narrador o verbo “ver”. Isto é, depois de anunciar, indiretamente, que Gregor Samsa acordou transformado num inseto, diz que ele levanta a cabeça e vê o corpo novo, portanto a narrativa é em falsa terceira pessoa porque se trata de Gregor Samsa narrando com os olhos e, ao se ver monstruoso, pergunta gritando – “O que aconteceu comigo?”

Didaticamente:

“O que aconteceu comigo? – pensou.”

Observem bem, no princípio, o narrador apresenta o personagem – narrativa em terceira pessoa – e coloca nele o peso do olhar – *viu* –, que dá maior credibilidade ao conflito. A narrativa deixa de ser indireta – na terceira pessoa –, para assumir a falsa terceira pessoa, fornecendo os elementos decisivos com incrível credibilidade. Numa única frase, o autor faz com que a narrativa deixe de ser indireta e passe a ser direta e, mais uma vez, verdadeira, sob a voz do olhar narrativo.

Logo em seguida Kafka dá um corte no clima psicológico, numa frase ainda mais curta em terceira pessoa, puxando o leitor para o real.

Rápido e ligeiro, definitivo:

“Não era um sonho”. E em seguida mostra um cenário natural – que chama o olhar do leitor – sem renunciar, contudo, à metáfora e ao olhar de Samsa, o que se reforça agora no segundo parágrafo: “Não era um sonho. Seu quarto, um autêntico quarto humano, só que um pouco pequeno demais, permanecia calmo entre as quatro paredes bem conhecidas. Sobre a mesa, na qual se espalhava, desempacotado, um mostruário de tecidos – Samsa era caixeiro-viajante – pendia a imagem que ele havia recortado fazia pouco tempo de uma revista ilustrada e colocado numa bela moldura dramática. Representava uma dama de chapéu

Marco  
Polo

MERCADO  
EDITORIAL

### AVENTURA

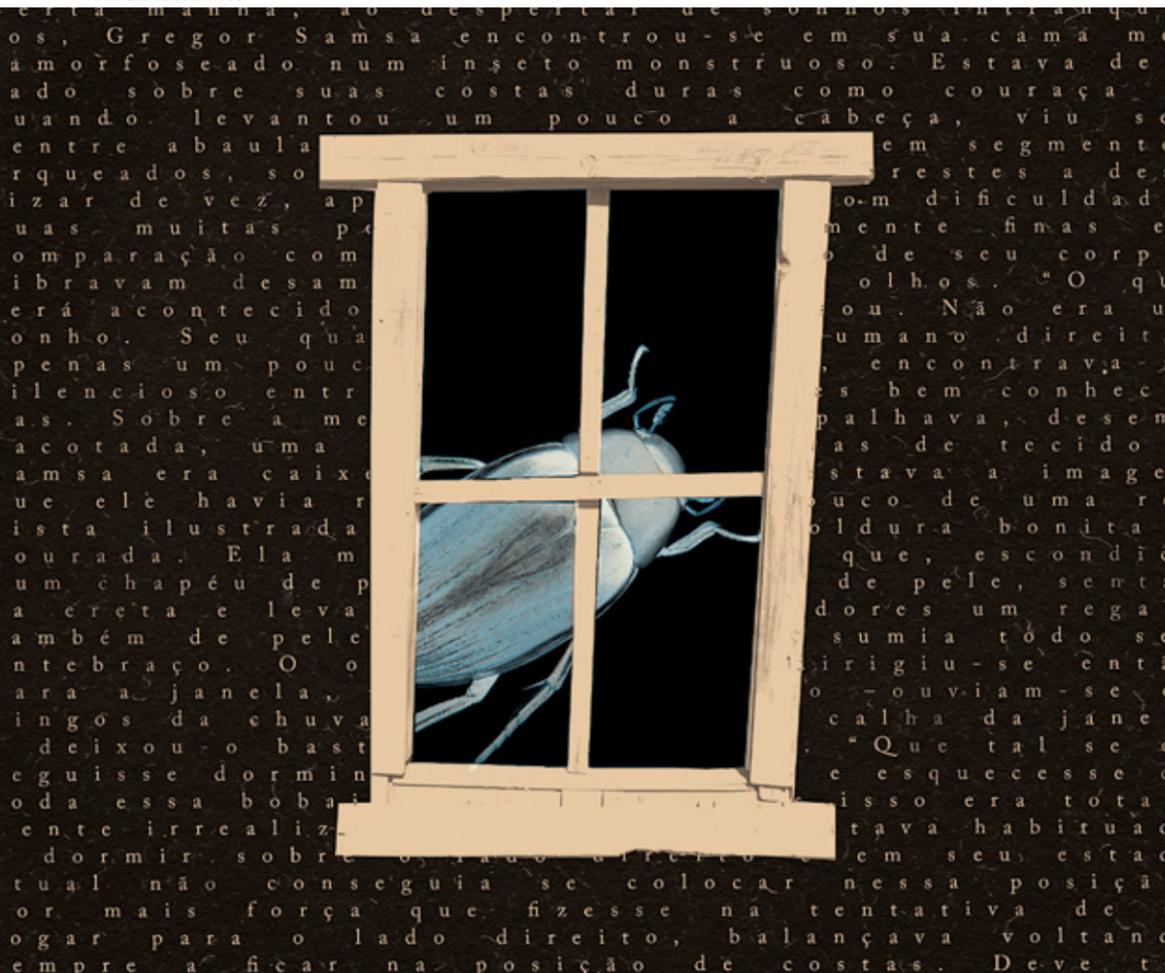
#### Escritores brasileiros de romances de aventura na linha do fantástico conquistam milhões de leitores

Você sabe quem é André Vianco (foto), Raphael Dracon e Eduardo Spohr? São escritores brasileiros que já venderam milhões de livros. E a lista está crescendo. Carolina Munhóz, Thalita Rebouças, Cirilo S. Lemos, Eric Novello, Fábio M. Barreto e Affonso Solano estão indo no mesmo caminho. Eles são autores de literatura fantástica, na linha de *O senhor dos anéis*, de J. R. R. Tolkien. E

sabia também que outro gigante das vendagens, Paulo Coelho, se recusou a participar da comitiva brasileira na Feira de Frankfurt porque considerava que os autores elitistas indicados a representar o Brasil excluíam aqueles três primeiros nomes desta nota, por considerarem o que eles faziam “baixa literatura”? Seria bom que os críticos literários se posicionassem a respeito. Já é hora.

FOTO: DIVULGAÇÃO





e estola de pele que, sensata em posição ereta, erguia ao encontro do espectador um pesado regalo também de pele, no qual desaparecia todo o seu antebraço.”

Podemos imaginar então que Kafka deve ter feito a primeira redação e percebeu que podia provocar o tempo psicológico do leitor trazendo a informação concreta do recorte da revista – sem dúvida uma metáfora –, localizando assim o quarto real para localizar verdadeiramente o lugar onde está o personagem e a sua realidade, reafirmada com a imagem do tempo turvo. Isso tudo mostra as etapas da criação literária. Os cortes narrativos são fundamentais, mas Kafka faz tudo isso através dos elementos narrativos literários e só depois recorre ao discurso de Gregor, marcado por travessão, sem aspas. Vejamos:

“– Que tal se eu continuasse dormindo mais um pouco e esquecesse todas essas tolices? – pensou, mas isso era completamente irrealizável, pois estava habituado a dormir do lado direito, e no seu estado atual não conseguia se colocar nessa posição. Qualquer que fosse a força com que se jogava para o lado direito, balançava sempre de

volta à postura de costas. Tentou isso umas cem vezes, fechando os olhos para não ter de enxergar as pernas desordenadamente agitadas, e só desistiu quando começou a sentir do lado uma dor nunca experimentada, leve e surda...”

– Ah, meu Deus – pensou – que profissão cansativa eu escolhi. Entra dia, sai dia – viajando. A excitação comercial é muito maior na sede da firma, e além disso me importa esta cansaça de viajar; a preocupação com a troca de trens, as refeições irregulares e ruins, um convívio humano que muda sempre, jamais perdura, nunca se torna caloroso. O diabo carregue tudo isso.”

A partir daí se estabelece um tenso diálogo entre o personagem e o narrador, o que torna a narrativa mais ágil, enfocando-se a existência humana, embora com forte destaque para a técnica literária, justificando a convicção de que Kafka era, sobretudo, um Flaubert do século 20, com profundo domínio da narrativa, o que justifica o novelista. Isto é decisivo: o que qualifica o autor é sua capacidade de inventar e de criar, e não apenas para debater filosofia. O que faz a literatura é a literatura, mesmo reunindo os diversos saberes.

## DIVERSIDADE

### Livro infantil tematiza a questão das diferenças

Manuel era um menino como os outros até os sete anos. Mas seus pais eram gigantes e, de repente, ele começa a crescer até não caber mais na sala de aula. Ele tinha medo de ser rejeitado pelos colegas mas, ao contrário, todos ficaram do seu lado. Essa é a estória do livro infantil *Gigante pouco a pouco* (Editora Biruta), do espanhol Pablo Albo, ilustrado por Aitana Carrasco, também espanhola.

## RELIGIÃO

### Em nova produção, Frei Beto questiona a humanidade de Deus, a fim de aproximá-lo mais dos homens comuns

Jornalista, antropólogo, filósofo, teólogo, frade dominicano e escritor, o mineiro Frei Beto, com 60 livros publicados, traduzidos em 25 idiomas e duas vezes ganhador do Jabuti, além do prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte e do prêmio Alba de Literatura, lança agora, pelo selo Fontanar, da Editora Schwarcz S. A., *Um Deus muito humano: um novo olhar sobre Jesus*. Partindo do princípio

de que Deus, ao se fazer humano, se tornou igual a nós em tudo (exceto no egoísmo) e contextualizando Jesus em seu tempo e no nosso, Frei Beto faz questionamentos instigantes, como “Jesus era um cínico?” ou “Jesus, divino ou maluco?”, mostrando uma proveitosa exemplaridade desse sujeito único e oferecendo critérios éticos para o comportamento diante das questões do dia a dia.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

## CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
  2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
    - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
    - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
  3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, devidamente revisados, em fonte Times New Roman, tamanho 12, páginas numeradas, espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor. A Cepe não se responsabiliza por eventuais trabalhos de copidesque.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.
- VII** É vedado ao Conselho receber textos provenientes de seus conselheiros ou de autores que tenham vínculo empregatício com a Companhia Editora de Pernambuco.

**Companhia Editora de Pernambuco**

Presidência (originais para análise)  
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro  
CEP 50100-140  
Recife – Pernambuco

## CAPA

# Vira gente

Em forma de fábula, escritor presta homenagem aos 100 anos de *A metamorfose*

**Luís Henrique Pellanda**

**Quando menino,** nunca li um livro “infantil”. Só fui ler com minha filha mais velha, faz pouco tempo. Já Kafka, li no começo da adolescência, bem antes de pensar em Lewis Carroll, L. Frank Baum, James M. Barrie, Carlo Collodi. Lembro que li *A metamorfose* achando uma graça triste naquilo tudo, e pensando que seria impossível, mais cedo ou mais tarde, eu próprio não me tornar um outro, bom ou mau, não me perguntem como nem por quê. O clichê nos ensina que viver é mudar, sabemos porque já fomos crianças, e mesmo o tempo só se percebe pelas transformações com que nos constrange. Só que há transformações boas e más, voluntárias e involuntárias. Na literatura também é assim. Um escritor se transforma ao narrar sua história, um leitor se transforma ao ler um livro que o comova. Entre eles, se encasulam os personagens. Alice, Dorothy, Wendy e Pinóquio se transformam na estrada, longe de suas casas. Gregor Samsa se transforma em casa, perto demais de sua família. Metamorfoses boas e más. Escrevi *Vira gente*, um conto de transfiguração para crianças, pensando neste animal que somos: uma lagarta que quer virar qualquer coisa, menos a borboleta.

**1.** Era um menino que se achava mágico. Não porque fosse bobo ou convencido, mas porque conseguia se transformar no que quisesse. Bicho, pedra, planta, tudo. Se você conseguisse, sei que também se acharia mágico. E quem é que ia te chamar de bobo?

**2.** Um dia, o menino que se achava mágico acordou e quis virar uma árvore. Foi rápido, nem doeu nada. Sua mãe não estava olhando, ele deu um pulo ali no jardim e virou árvore. Criou raízes, penetrou a terra, atropelou minhocas, desceu bem fundo. Também cresceu rápido e subiu muito, furou uma nuvem, se molhou de garoa, deu até medo de ver a altura. Mas a verdade é que o menino virou mesmo uma árvore. Grande, bonita e mágica. Que primeiro se encheu de flores e, depois, de frutos.

**3.** Na árvore tinha rosas, cravos, tulipas, margaridas, azaleias, orquídeas, violetas, lírios, bromélias. Tudo misturado, uma bagunça, feito o quarto do menino. E as flores eram vermelhas, amarelas, azuis, roxas, brancas. Porque o menino, arborizado ou não, queria tudo colorido. Isso sem falar nas frutas, de todos os tipos. Maçãs, bananas, amoras, cerejas, maracujás, pitangas, jabuticabas, mamões, figos, araçás.

É, o menino dava de tudo, ele não era bobo, não.

**4.** Tanta fruta boa, claro, atraiu muito passarinho. Eles vieram e pousaram nos galhos pesados do menino, e fizeram a festa entre as folhas e os verdes que ele tinha inventado, e eram todos os pássaros possíveis. Comiam e cantavam sem qualquer preocupação, finalmente destemidos. Sabiás e sanhaços, corruíras e bem-te-vis, periquitos e canários, curiós e suiriris. Todos os passarinhos estavam lá, e até mais alguns outros, nem tão possíveis assim, mas que o menino imaginou existirem também.

**5.** Quando a noite chegou, os passarinhos foram embora, pois eram como você e eu, que não somos mágicos e precisamos de descanso. Voaram todos, de barriga cheia, o sono chegando gostoso, de leve. E aquela grande árvore, enfim quieta, chateada de tanto abrigar e oferecer, quis voltar a ser menino. Até mesmo pra poder comer algumas frutas.

E foi o que aconteceu, o menino voltou a ser menino. Comeu as frutas e adormeceu como vivia: satisfeito.

**6.** No outro dia, o menino acordou e decidiu virar água. Água doce e potável, não salgada. Então procurou um lugar bem longe dali, que estivesse precisando da sua mágica. Encontrou um leito seco, uma imensa rachadura no chão, e se atirou dentro dela, nem pensou no risco que corria. Foi lindo de ver, ele se espalhou por tudo, preencheu todos os cantos, e saiu chispando pro mar, levando tudo o que encontrava pela frente. Virou um rio largo e forte, e todos iam até ele, beber e admirar a sua passagem.

**7.** Dentro do menino nadavam peixes e outras criaturas esguias, pirarucus e piranhas, lambaris e acarás, carpas e bagres, rãs e sucuris, botos e iaras. Era tanto movimento que ele até sentia cócegas, se encrespava em corredeiras, selvagem e cintilante. Às margens do menino pescavam os homens e os jacarés, estátuas ao sol, e também cresciam as matas e as roças, e ninguém conseguia barrá-lo, e não havia muro que o segurasse, nem barco que soubesse navegá-lo.

É, aquele rio não era fraco, não, aquele rio era um mistério, o enigma do seu próprio curso.

**8.** Só que ainda era um rio inexperiente. E por isso, numa curva perigosa, sem o mínimo aviso, naquela sua correria pro mar, o menino encontrou um abismo.

Normal, você diz, quem é que nunca encontrou um?



HALLINA BELTRÃO



## CAPA

Mas na hora foi um susto, dá pra entender, uma vertigem, o menino mágico não esperava aquela queda sem garantias e quase sem fim, ficou até tonto.

Sorte que, de repente, percebeu o que acontecia, e ainda a tempo de aproveitar a dádiva: ele tinha virado uma cachoeira, e das gigantes, quer coisa melhor? Lá embaixo, uma última surpresa: uma turma de indiozinhos tomava banho, brincava naquela sua água sem cor e sem maldade, todo mundo sem roupas, e o mundo em volta sem problemas.

**9.**

Foi legal. Mas, como sempre, veio a noite. As crianças bocejaram e ficaram com frio, aquele vento de chuva assobiando e a pele arrepiada, o jeito era fugir, ir pra casa. Foram todas embora e, cantando, sumiram entre a folhagem, os vagalumes atrás delas. O rio, cansado de ser salto e barulho, e de fazer tanta espuma naquelas rochas lisas e redondas, quis voltar a ser menino. Até porque queria, ele também, nadar um pouco nas águas que vieram, frescas, depois dele.

**10.**

O menino mergulhou, vasculhou o fundo de areia do rio novo, catou caramujos e pedrinhas coloridas, deixou a cachoeira massagear suas costas, os olhos fechados, o corpo feliz, e foi dormir satisfeito. Só cuidou de se enxugar direito antes de se atirar na cama limpa, sua mãe ficaria uma fera.

**11.**

Mais uma vez a noite passou, sempre passa, qual a novidade? De manhã, o menino mal abriu os olhos e já foi se transformando. No quê? Numa montanha. É que ele acordou se achando especial, assim poderoso, e quis ser um monumento de pedra e fogo, um vulcão

## *É que ele acordou se achando especial, assim poderoso, e quis ser um monumento de pedra e fogo, um vulcão irresistível*

irresistível, quem é que não se sente atraído por uma cratera, quem não tem vontade de olhar lá dentro, investigar aquele escuro todo?

**12.**

O menino podia ter virado qualquer outra coisa. Podia ter virado uma estrela amarela, a realeza solta no vácuo, a cabeleira desganhada e em chamas. Ele podia ter regido a órbita de vários planetas, a sinfonia de muitas vidas, a música do espaço sideral, a trilha de todos os nossos sonhos, era só querer. Mas não.

**13.**

O menino podia ter virado a lua cheia, e podia ter iluminado, numa noite gelada e sem fogueiras, o primeiro beijo de amor entre dois fugitivos, escondidos no oásis mais lindo do deserto mais distante e ameaçador da Terra. Mas não.

**14.**

O menino podia ter virado uma geleira, uma onda ou um cometa, a neblina que esconde a estradinha da serra, talvez o arco-íris de um fim de tarde de verão, ou a lama em nossas botas, no inverno. Ele podia ter virado uma caverna profunda e perdida no tempo, onde os homens de antigamente fossem pintar tudo o que lhes partisse o coração ou revigorasse a alma depois de um dia duro de caçadas e derrotas. Mas não.

**15.**

Ah, ele podia ter virado qualquer coisa, mas quis virar um vulcão. Porque esse menino, mais do que tudo, amava o suspense e a aventura. E podia, como qualquer um de nós, explodir a qualquer momento.

**16.**

No começo, tudo bem, ele estava só brincando, como sempre. Fez a terra tremer um pouco e riu dos cabritos que desceram a encosta aos pulos, cheios de pavor. Até deixou que algumas pedras rolassem lá de cima, da boca do menino que ele achava que ainda era. Não machucou ninguém, mas foi por pouco.

Depois soltou uma fumaça preta, cuspiu cinzas pro alto, escureceu o céu de mil cidades, impediu que os aviões decolassem, amedrontou pilotos, tripulantes e passageiros, espalhou um cheiro ruim por toda a parte, um bafo quente que derreteu a neve sobre o seu topete.

E apesar disso o menino ria. Ria dos cabritos que despencavam, assustados, por entre as fendas da sua carne, as feridas na pedra que ele sonhava ser.

**17.**

O menino que se achava mágico curtiu aquilo de ser vulcão, e quem não curtiria? Mas de tanto fabricar tremor de terra, de tanto treinar erupções e ensaiar





derramamentos, de tanto fingir que explodiria tudo, acabou mesmo explodindo. Foi horrível, mas também bonito, a lava brilhante escorrendo rocha abaixo, o toró de magma incendiando vilas e florestas, ah, um desperdício espetacular, um espetáculo de desperdícios.

Pena que, da montanha, não sobrou nada. Desmoronou sobre si própria, o menino desabando na cratera que ele mesmo tinha fantasiado, e ninguém pra segurar a mão dele – alguém aí ajude, socorro, alguém, alguém – e agora, menino, e agora que você caiu feio, e agora, menino, que você explodiu, e agora – ninguém?

**18.**

E agora que a noite vinha chegando, e o céu parecia um teto rebaixado de brasas, o vulcão quis voltar a ser menino, e bem depressa, pra fugir do buraco, do calor e da escuridão. Mas não deu. O menino tinha desaparecido e, no lugar dele, olhe só a transformação: um homenzinho barbudo, com remela, enxaqueca e dor nas costas.

O menino tinha crescido, mas, engraçado, estava bem menor do que antes.

**19.**

O homenzinho acordou de mau humor. Não sabia fazer mágicas. Tentou virar a brisa que balançava a persiana, o frioquinho que saía da geladeira, o gás que aquecia o chuveiro, e nada. Tentou virar uma formiga, e depois uma formiga esmagada. Sem sucesso. Tentou virar um fósforo, e depois um fósforo queimado. Nada feito. Tentou passar um café, ficou fraco demais. Tentou alcançar os pés, a barriga não permitiu. Foi trabalhar, chegou atrasado, levou bronca.

*O menino tinha desaparecido e, no lugar dele, olhe só a transformação: um homenzinho barbudo, com remela, enxaqueca*

**20.**

No trabalho, o homenzinho carimbou papéis, assinou documentos, visitou o cartório, pintou paredes, dirigiu um táxi, recusou um projeto, rejuntou azulejos, instalou luminárias, consertou vazamentos, corrigiu provas, redigiu discursos, puxou dois tapetes, trocou o telhado, almoçou com clientes, tingiu cabelos, carregou mudanças, montou um cenário, aprovou campanhas, autorizou cobranças, vacinou um cachorro, extraiu um apêndice, desviou verbas, assinou uma petição, lavou vidraças, serviu cafezinhos, vendeu um terreno, serrou um crânio, fotografou crianças, mandou e-mails, varreu as ruas, carregou lixo, cuidou de automóveis, engraxou cem sapatos, demitiu funcionários, abateu uma vaca, bateu um bolo, pediu um aumento, apitou um jogo,

abasteceu helicópteros, fritou hambúrgueres, traiu um colega, depôs contra outro, sentiu uma cólica, sofreu um abalo, perdeu a cabeça.

**21.**

A noite achou o homenzinho no sofá de sua casa, cansado de ser homem. De tão exausto, não tentou virar mais nada, tinha muito medo de falhar de novo e, paralisado, diante da tevê, adormeceu como vivia: insatisfeito.

**22.**

A noite passou. É o que a noite costuma fazer. E, inesperadamente, o homem acordou menino mais uma vez – ainda bem, que viagem ruim. Ele logo viu que tinha reaprendido a fazer seus truques de criança, e, por isso, a primeira providência que tomou foi a de se transformar na luzinha que invadia o seu quarto pela fechadura da porta. Deu certo. Depois, pra testar melhor os seus poderes recuperados, virou também uma gota de orvalho, um montinho de pó, uma teia de aranha, a geadinha sobre um broto de palmeira, um bigode de gato e o pingote de leite ali pendurado. E tudo funcionou direitinho, ufa, maravilha.

Até hoje, o menino que se achava mágico não descobriu se aquele dia vivido como homenzinho foi um pesadelo ou não. Mas anotou, na sua caderneta de espantos, que ninguém tem a força ou o tamanho de suas ambições.

**23.**

Somos, quem sabe, do tamanho das nossas alegrias.

## ESPECIAL

# Por mares do norte nunca antes lidos

Literatura contemporânea holandesa briga no Brasil por seu espaço narrativo

Texto: Priscilla Campos / Ilustração: Flavio Pessoa



A literatura nos ensina que, entre as vias aquáticas intermináveis e a ideia de família, existe uma disfunção progressiva. Contemplamos os marinheiros *conradianos*, a coragem doentia de Ishmael, os núcleos familiares apresentados por Philip Roth em *Complexo de Portnoy* e *When she was good*, com a flutuante sensação de curiosidade, temor, repulsa. Tanto no mar, como na construção de um afeto supostamente óbvio e natural, estamos diante do estranhamento. Nesses dois grandes espaços narrativos, o sujeito pode perder-se por completo, não importa quantos mapas, bússolas e diários de bordo estejam disponíveis.

No encaixe de temas tão labirínticos estão as escritas de Toine Heijmans, Arnon Grunberg, Tommy Wieringa e Arjen Duinker, todos autores holandeses recém-traduzidos no Brasil. Os quatro nomes fazem parte da lista de convidados do Café Amsterdã, evento organizado pela Fundação Holandesa das Letras (Nederlands Letterenfonds), que promoverá debates e encontros em São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba. O festival surge como certo tipo de comemoração para marcar o montante de títulos contemporâneos, produzidos nos Países Baixos, que serão encaminhados para lançamento e distribuição ao longo dos próximos meses.

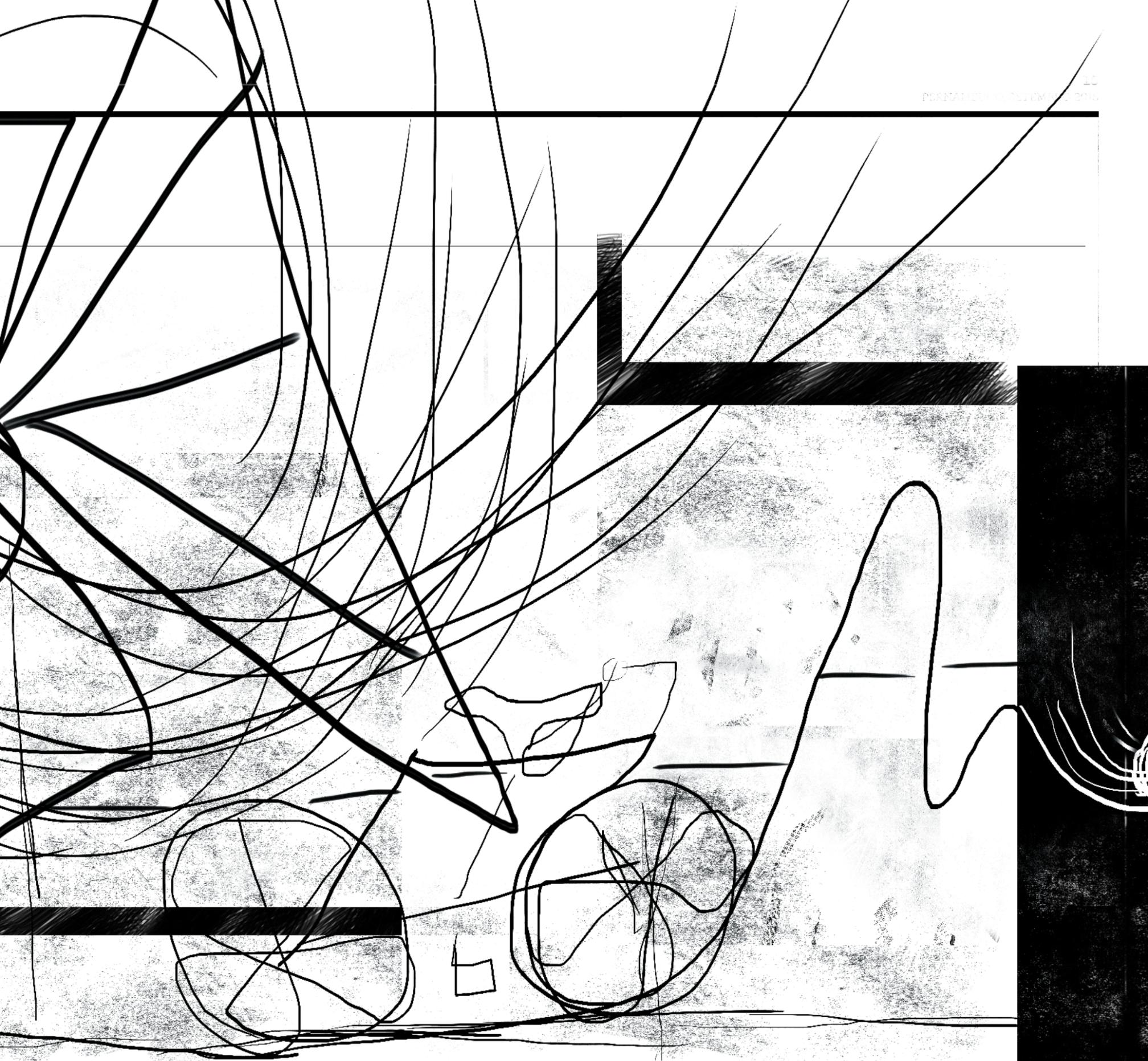
O mercado literário brasileiro parece apostar, com atento envolvimento, no *boom* holandês que se aproxima. O número de editoras é expressivo: sete estão participando da maratona proposta pelo Café, algumas com mais de um livro a ser lançado – Cosac Naify, Editora 34, Rádio Londres, L&PM Editores, Editora Rocco, Confraria do Vento, Martins Fontes. Outras, como Hedra e Intrínseca, também possuem projetos focados em autores provindos das terras do Mar do Norte. Segundo Joaci Pereira Furtado, consultor editorial da Fundação no Brasil, um dos pontos que ainda dificultam a chegada da literatura holandesa por aqui é o processo de adaptação linguística.

Ele explica que, desde 2012, emissários da instituição visitam o Brasil e encontram-se com editores e jornalistas para apresentar programas de fomento à tradução. “A Fundação e, sobretudo, as editoras brasileiras enfrentam um problema grave: há poucos tradutores do holandês no Brasil, onde não há nenhum curso universitário desse idioma. Espera-se que alguma universidade se interesse em criar um, quiçá, em parceria com o governo da Holanda. Enquanto isso, a literatura holandesa continua desconhecida para a grande maioria dos leitores daqui. A iniciativa do Café Amsterdã é interessante para chamar a atenção para esse universo – mas será inócua se não se repetir ou expandir-se, formando público leitor e estimulando potenciais tradutores”, reflete Furtado.

Apesar da distância idiomática que persiste, e, para além das organizações oficiais, incentivos independentes também ajudam na recente disseminação da literatura e da cultura holandesa. O tradutor Daniel Dago, entusiasta da língua e responsável por um trabalho focado na produção clássica do país, mantém um blog ([www.literaturaholandesa.blogspot.com.br/](http://www.literaturaholandesa.blogspot.com.br/)) e uma página no Facebook intitulada *Literatura Holandesa*, nas quais divulga artigos da década de 1950 – obtidos na Biblioteca Nacional – e notícias recentes que envolvam a conexão Brasil-Países Baixos.

De acordo com levantamento feito por Dago, cerca de 80 livros foram traduzidos para o português brasileiro nos últimos dois séculos. A quantidade é ínfima, de fato, e reforça os embaraços linguísticos perpetuados até o momento atual. Na oportunidade do contato, enfim, estabelecido, os leitores irão deparar-se com mares afoitos, homens perturbados, famílias destruídas, a paternidade como sinônimo de obsessão e a irritante busca pela fuga infinita – atitude de quem sabe não ter nada a perder.

A literatura contemporânea holandesa tem como personagem central a dissimulada *hiena invisível* que nomeia o quadragésimo nono capítulo de *Moby Dick*.



Escreve Melville: “Há certas circunstâncias e ocasiões bizarras neste estranho e caótico negócio que chamamos de vida nas quais um homem considera todo o universo uma grande piada, ainda que mal perceba a sua graça, e mais do que suspeita que a piada seja feita à sua custa. No entanto, nada o desanima, e nada parece valer o esforço de uma disputa”. Nos livros que serão analisados a seguir, cartuchos e pedras de fuzis são engolidos por homens que possuem, como diz Melville, um “tipo estranho de humor caprichoso”: aquele estado de espírito que permite compreender, nos momentos de tribulação extrema, a enorme piada coletiva cuja saída jamais existiu.

#### GIGANTE DE FORÇA DESCOMUNAL

“Penso que muita gente vê o mar como uma rota de fuga – pelo menos, Donald vê. Ele pensa que será livre enquanto estiver velejando sozinho. Mas claro, isso é uma *fata morgana* (espécie de delírio que se conjura no horizonte). No mar, principalmente quando sozinho, muitas regras precisam ser obedecidas se você quiser, no mínimo, sobreviver. Na verdade, o cotidiano familiar é muito mais liberto do que estar em solidão marítima”, escreve Toine Heijmans, de Amsterdã, para o **Suplemento Pernambuco**. O escritor e jornalista assina *No mar* (Cosac Naify, tradução de Mariângela Guimarães), romance no qual podemos seguir os intervalos entre magnitude aquática e convívio doméstico através de Donald, personagem que empreende navegação solo em seu veleiro vermelho – nomeado Ishmael.

Para Heijmans, o livro é sobre um homem que se debate, freneticamente, no desejo de tornar-se uma espécie de super-herói em todas as áreas: afetiva, profissional, paterna, náutica. “Donald leva essa ideia para o mar apenas para jogá-la, repetidas vezes, em sua própria cara”, pontua o escritor. No ensaio intitulado *É possível pensar o mundo moderno sem o romance?*, Mario Vargas Llosa grafa: “Não é ciência, mas a literatura foi a primeira a examinar os abismos do fenômeno

humano e a descobrir o apavorante potencial destrutivo e autodestrutivo que também o conforma”. Em *No mar*, o holandês trabalha sempre com essas duas possibilidades de ruína.

O velejador permanece, durante toda a narrativa, pressionando um tipo de “controle” metafórico no qual a tensão ora cai sobre a tecla correspondente ao seu fluxo psicológico angustiado, ora sobre o botão que se destina à disciplina necessária para manter-se navegando. Um movimento anula o outro; Donald balança conforme a dança destrambelhada de seus dedos. O que se projeta em ambos os lados do controle é a paternidade e seus desdobramentos.

Um dos fios condutores do romance é a ansiedade que o personagem lança em direção ao relacionamento com sua filha. A linguagem utilizada para construir esse discurso denota uma agonia ainda no gatilho, como uma bomba pronta para explodir, mas não agora. A impressão é de que, mesmo se o barco afundar, não haverá arrebatamento suficiente. Sobre o exercício de seu estilo ao longo do texto, Heijmans conta que estava ciente da dificuldade em tratar de uma temática às vezes associada ao sentimentalismo excessivo e, por isso, tentou trabalhar com essa linguagem mais contida. “Por outro lado, eu queria construir um suspense atrelado à história e às indagações que emergem a partir da função paterna. Acredito que os escritores não devem ter medo de explorar técnicas que resultem em expectativa por parte do leitor”, conclui.

De acordo com o holandês, as frases curtas também são decorrentes da influência do local onde escreveu quase todas as páginas de *No mar*: seu pequeno barco, atracado num porto holandês. “Eu gostava de ouvir, durante o processo de criação, o barulho da água. As pausas entre as sentenças são como as ondas batendo no casco do barco”, observa. Deveras, Heijmans não ficou apenas no romantismo que ronda a sua afirmação. O jornalista alcança um ritmo de escrita refreado, que golpeia sem machucar e, ao mesmo tempo, embala

sem gerar enfado, como no início do terceiro capítulo: “Thyborøn ficou para trás há quarenta e quatro horas. São duzentas e trinta milhas náuticas de distância. O percurso de lá até aqui já não importa. O importante agora é manter tudo inteiro. Tudo ainda está intacto. O barco está lindo. Convés arrumado. Velas altivas. A cabine é baixa; consigo ficar em pé por pouco. Pelas pequenas vigias vejo o mar, como se eu fizesse parte dele. Como se estivesse nadando”.

Talvez, o principal acerto do livro seja abraçar, de forma benevolente, o narrador excessivo em seu desejo por preencher-se com todos os mínimos detalhes do modelo patriarcal. Êxito esse que não se trata de escolha segura, mas sim do propósito em manter uma história aberta a partir da flutuante sensação que definimos no início deste texto – curiosidade, pânico, repulsa. Ao colocar Donald como sujeito imerso num alerta incurável, não importa seu cansaço ou delírio, Heijmans deixa o leitor diante de inúmeros *preenchimentos* (situações que acontecem *entre* uma mudança narrativa e outra).

Existe uma bela contradição em *No mar*. Apesar de o romance ser o resultado da tentativa de Heijmans de reger grandes temáticas, a construção do discurso é formada, na verdade, por “ações humanas significativas”, expressão desenvolvida pelo teórico Franco Moretti no ensaio *O século sério*. Sim, temos o mar e as suas criaturas mirabolantes; sim, a paternidade pode ser tanto impostura social quanto dedicação infinda de afeto. Mas aqui, como num quadro de Johannes Vermeer, a “narrativa não é feita apenas de grandes cenas”. Uma espécie de cotidiano sobrepõe-se à catástrofe; o que consideramos antes como ápice do perigo é apenas o seu entorno.

Mas só nos damos conta dessa sobreposição nas páginas finais. Ao longo do livro, o lugar de leitura converte-se em incerteza menos pelo fato de estarmos todos em deriva imaginária no meio do Mar do Norte do que por percebermos, desde as primeiras linhas,

## ESPECIAL

a falta de sensatez do narrador. Heijmans demonstra entendimento da voz que ecoa na escrita como mecanismo primeiro na ideia de exercício literário. Afinal, é através desse discurso que se estabelece qualquer geografia, loucura ou glossário náutico diante dos olhos de um leitor.

## 2. BOM [DISSE O DOUTOR]. AGORA A GENTE PODE COMEÇAR.

Antes de pensarmos em *Complexo de Portnoy* como exemplo de obra relacionada ao conceito de distúrbio, podemos criar uma associação daquelas que só a bruxaria da literatura nos permite. A premissa da maravilhosa piada desprezível apresentada por Melville em *Moby Dick* encontra no relato de Alexander Portnoy o paralelo certo. Se o fazer literário consiste em escrever sempre um final para algo do passado, como afirmou o bósnio Saša Stanišić durante a última edição da Flip, a novela de Roth é uma das sequências possíveis para essa premissa do clássico norte-americano.

Nesse desenrolar perpétuo da literatura – ação que proporciona, sem nenhuma justificativa, o embate entre passado, presente e futuro – chegamos a *Tirza* (Rádio Londres, tradução de Mariângela Guimarães), de Arnon Grunberg. No romance, considerado um dos maiores destaques da literatura contemporânea holandesa, Grunberg monta a equação composta por *paternidade* e *angústia do homem branco* cujo algoritmo final é Jörgen Hofmeister,

personagem que se mantém entre a neurose, a normatização e o machismo.

Construída através de um processo gradual de revelações, a força do protagonista é inquestionável, porém, dolorosa. Se em *No mar*, Donald é acolhido, durante sua expedição *esquizo*, pelas alternativas de abertura da trama, em *Tirza* ficamos à frente de um outro passivo-agressivo, pronto para atacar de maneira silenciosa. A frase de abertura do livro é um simples e eficiente truque: “Jörgen Hofmeister está na cozinha cortando atum para a festa”. Grunberg foca nas alusões fáceis (peixe e cozinha, sinônimos de *aconchego*; festa, sinônimo de *celebração*) e camufla o *corte*, a *faca*, substantivos que têm o poder de síntese tanto do tom, quanto do enredo que será desenvolvido a partir dali.

Assim como Heijmans, o escritor faz uso das “ações humanas significativas”. Mas, aqui, elas acontecem com o intuito de suscitar pequenas dilacerações. A rotina familiar em *Tirza* é violenta, não importa o grau de amenidade que a linguagem pretenda nos oferecer. Escreve Grunberg: “Hofmeister apanha uma bacia cheia de arroz morno, amassa um bolinho e, enquanto está ocupado com isso, observa o caixilho da porta da cozinha como se nunca tivesse usado a bancada da pia antes. Vê a tinta descascando, um ponto fosco no papel de parede junto ao caixilho, onde uma vez bateu um sapato que Tirza tinha jogado em sua cabeça. Antes disso ela havia gritado ‘babaca’. Ou depois, ele já não

sabe ao certo. Foi sorte a vidraça ter ficado intacta”.

Na mimada figura de Tirza, sua filha mais nova, Hofmeister colide com desejos obsessivos disfarçados de adoração e extremo cuidado. Já nos primeiros parágrafos, Grunberg explana sobre a ausência maternal naquela família, situação essa que trouxe todos os membros – o pai, Tirza e filha mais velha, Ibi – para o espiral depreciativo de autoflagelação que só um fantasma ainda vivo pode gerar. “O tempo não cura todas as feridas, descobriu. O tempo rasga e abre ainda mais as feridas, provocando intoxicações e infecções”, afirma o narrador observador.

Enquanto revive uma briga de seus pais, Portnoy empreende as perguntas sem respostas geradas pelas lacunas de uma memória do susto. “A cena em si é como um móvel pesado, na minha mente, impossível tirar do lugar – o que me leva a crer que a coisa aconteceu, sim”, diz o advogado. Desse modo também nos atinge o estilo de Grunberg: não conseguimos arrastar a incômoda mobília com incontáveis farpas de madeira cortando a nossa pele.

## CAÇADAS E MARINHEIROS

Tanto nas perseguições por qualquer recompensa quanto na decisão de alinhar uma iole de cruzeiro, com a âncora, sem que as suas velas batam ao vento, sobrevive a concepção de exílio. No romance de Tommy Wieringa, chamado *Joe Speedboat* (Rádio Londres, tradução de Cristiano Zwiesele do Amaral),



como uma boa surpresa do Café Amsterdã. Sua poesia prende consigo qualquer coisa do contemporâneo que nos faz entrar no cobiçado vórtice literário da memorização; mais ou menos como um carimbo sem falhas no meio de nossa página preferida. Ou ainda, como no momento em que parecemos saber o exato local de um livro nas prateleiras da biblioteca de Babel – quando, na verdade, não sabemos até encontrá-lo novamente.

#### APÊNDICE

*Não sou Mariana / e tu não és Chamilly // A minha história / é outra / e começa agora // Estou sempre / a começar.* (Adília Lopes em *Dobra: poesia reunida 1983-2007*)

Este anexo propõe investigar, brevemente, a presença feminina na literatura contemporânea holandesa recém-traduzida no Brasil. Uma observação antes de continuarmos no universo da escrita: Duas autoras do país europeu estarão presentes no evento oferecido pela Fundação Holandesa das Letras. São elas: Janny van der Molen – jornalista e teóloga, autora de livros infantojuvenis, entre eles, *O mundo de Anne Frank* (Editora Rocco) – e Marjolijn Hof – também escritora YA (*young-adult*), que assina *Um fio de esperança* (Martins Fontes).

Na biografia dessa última, disponível no site oficial da instituição, está grafado: “é um dos autores mais bem-sucedidos em livros infanto-juvenis (...)”. Até este momento – manhã do dia 17 de agosto – o erro não foi corrigido. De volta à produção ficcional. Como vimos ao longo dos intertítulos anteriores, os romances holandeses que chegarão por aqui são protagonizados por homens brancos, heterossexuais e com algum tipo de neurose, psicose ou problema de saúde grave. Enfim, personagens doentes e egoístas que procuram contar sua história como expurgo da maldição que os assola. Até aí, nada de muito novo no *front*.

No entanto, na base de cada uma das narrações, está a mulher que se alterna entre: a) não ser ouvida ou levada a sério; b) mãe protetora, complacente com

*Cerca de 80 livros foram traduzidos para o português brasileiro nos últimos 200 anos. A quantidade ainda é, de fato, ínfima*

e na coletânea poética da *Antologia provisória*, de Arjen Duinker (*Confraria do Vento*, tradução de Arie Pos), as vozes narrativas – mesmo acompanhadas de outros personagens e envolvidas em relacionamentos afetivos – estão absortos em seus respectivos isolamentos.

Em *Joe Speedboat*, o narrador anuncia sua situação, após voltar para casa de um acidente que quase o deixou paralisado por inteiro, da seguinte maneira: “[...] eu, Fransje Hermans, com apenas um braço funcional suportando quarenta quilos de carne morta. No passado, já me vi em melhores condições. [...] Tenho de me mandar deste lugar o mais rápido possível. Eles estão me enlouquecendo com tanto vaivém ao redor da cama e com toda essa conversa mole sobre comércio e tempo”. O então garoto mora na cidade fictícia de Lomark, uma região que aprisiona, por motivos aleatórios, todos os seus moradores.

Na vontade da caça está intrínseca a urgência pelo retorno. Os personagens de Wieringa perduram naquele lugar; clamam pela volta eterna e não sabem nem o porquê de almejá-la com tamanho afincado. “Nós ainda continuamos aqui”, conclui Hermans na derradeira sentença do livro. Algo próximo à insistência, sem razão de ser, do alucinante comandante Ahab. No fim, a tripulação do baleeiro, assim como os habitantes de Lomark, são devorados, e isso vai além do significado de entrega. *Joe Speedboat* é sobre pessoas que não acharam a saída por que, talvez, sentem deleite na teimosia de fincar os pés

mesmo quando não existe mais navio ou casa que os sustentem.

De forma semelhante a *No mar*, os versos de Duinker também possuem uma ode aos pormenores náuticos, como no trecho do poema *E*, presente na *Antologia provisória*: “O mistério não fala para mim / A mística não fala para mim / E tampouco a metafísica / Prefiro as intenções da proa / E as certezas pacientes da âncora”.

Nessa temática, o destaque fica para *Sailor's home*, um dos títulos mais extensos do livro, que expõe bonitos fragmentos, aos quais fica difícil passarmos incólumes: “De repente, os elementos soltam as entranhas. / Relâmpagos formidáveis marcam a rota para o porto. / O cheiro de cabelos soltos é implacável e fabuloso. / O navio avança ao encontro da cisão de realidades, / Navega através de fatos insonoros e fatos ruidosos. / Todos os fatos se reúnem aqui para escolher palavras, / Todas as palavras se juntam para fazer sonhos, / Tão bem que o bater das velas deixa de existir.

Porém, a despeito do eu lírico dirigido a referências que poderiam denotar um aspecto afável – flores, percepções oníricas, lágrimas, nuvens – podemos reconhecer uma frieza latente. Essa identificação não afasta, mas sim produz certo desvelo tardio; a conquista que ultrapassa a simples beleza da escrita e estimula, aos poucos, a invasão do leitor no texto.

Em alguns poemas, o holandês abusa das repetições e a metrificacão pode trazer impaciência para a leitura. Mas, de todos os escritores aqui citados, Duinker surge

as imaturidades do marido; c) malévola, fria e sem coração; d) alienada; e, em última instância, a personagem que se submete aos pensamentos patriarcais constantes nos textos de *No mar*, *Tirza* e *Joe Speedboat*. Dos três, o que chama mais atenção e abrange mais letras expostas acima é o drama de Arnon Grunberg.

A família Hofmeister possui o clássico protótipo do homem como dominador absoluto. Jørgen é o maestro da casa e, claro, nem sempre estará em sua melhor performance. Mas, não importa, a visão dele é a que vai prevalecer. Seus medos, dúvidas e anseios serão captados sem parar, até o fim. Os romances manifestam – *Tirza* em especial – a ideia da personalidade perturbadora que encobre a violência (seja ela qual for) e reforça a mudez censurada do outro. São enredos que reforçam o “calo porque não quero desestabilizar você” e nunca a autonomia do “calo porque não tenho o que te dizer”.

A escolha de Adília Lopes como citação de abertura deste apêndice foi devido a sua relação direta com as tais “ações humanas significativas” que tanto falou Moretti e que parece eclodir na literatura holandesa contemporânea. Ao lermos a poeta portuguesa, lembramos: não só a história pode ser outra, como também os personagens que caminham pelas beiras narrativas devem, sim, participar dela. Afinal, a marginalidade dos que não se submetem aos enfadonhos e insensíveis padrões é tão cotidiana quanto nadar na imensidão do mar gelado.

# HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



**Assine.**  
 Revista Continente  
 +  
 Suplemento Pernambuco  
**0800 081 1201**  
 e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



**O COMPUTADOR QUE QUERIA SER GENTE**  
 Homero Fonseca

Certo dia, Joãozinho, um garotinho de 10 anos, e Ulisses, seu computador, decidem trocar de lugar por 24 horas. A máquina queria saber como é ser um humano, por pensar que teria toda liberdade que quisesse.

R\$ 30,00



**ALGUÉM VIU MINHA MÃE?**  
 Pedro Henrique Barros

Uma menina e uma joaninha vivem o mesmo dilema: uma série de mal entendidos faz com que se sintam abandonadas pela mãe até que os problemas se resolvem e elas compreendem que são muito amadas.

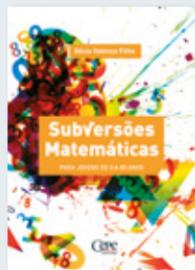
R\$ 20,00



**ERA UMA VEZ...**  
 Gabriela Kopinitz dos Santos

A personagem Cigana Contadora de Histórias, criada pela jornalista Gabriela Kopinitz, que costuma ser levado à escolas para sessões de contação, transforma-se em protagonista e narra várias de suas historinhas nesse livro, que promete encantar as crianças.

R\$ 40,00



**SUBVERSÕES MATEMÁTICAS - PARA JOVENS DE 8 A 80 ANOS**  
 Décio Valença Filho

Jogos, quebra-cabeças e brincadeiras que utilizam o raciocínio lógico compõem o livro de Décio Valença, engenheiro que se intitula "matemático amador" por ser um apaixonado desta ciência. Inclui historietas atribuídas a gênios da matemática, e decifra os problemas mais difíceis.

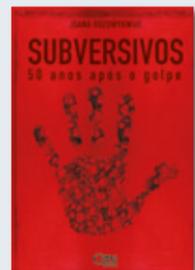
R\$ 40,00



**O CORPO E A EXPRESSÃO TEATRAL**  
 Georges Stobbaerts

O livro nasceu das experiências do autor, que aliou a prática de Judô, Kendo, Iaido e Aikido, as filosofias Zen e Yoga e a formação de atores, resultando numa articulação entre a arte e o movimento, da qual nasceu o projeto Tenchi Tessen, que se baseia em reflexão, meditação e ação.

R\$ 25,00



**SUBVERSIVOS: 50 ANOS APÓS O GOLPE MILITAR**  
 Joana Rozowykwiat

Alguns dos "subversivos" que atuaram em Pernambuco após o golpe militar de 31 de março de 1964, entre os quais Luciano Siqueira e Humberto Costa, abrem o coração, revelando como se sentem em relação ao passado e o que esperam para o futuro do Brasil. O livro nasceu da tese de pós-graduação em Jornalismo Político da autora.

R\$ 25,00



**ANTONIO CALLADO FOTOBIOGRAFIA**  
 Ana Arruda Callado (Org.)

Organizado por Ana Arruda Callado, viúva do biografado, *Antonio Callado Fotobiografia* percorre toda a trajetória do escritor, dramaturgo e jornalista, numa sucessão de textos curtos e saborosos.

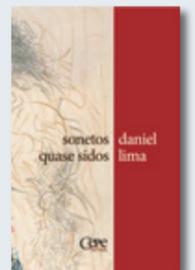
R\$ 90,00



**ÚLTIMO PORTO DE HENRIQUE GALVÃO**  
 Ana Maria César

Minuciosa pesquisa sobre o ambiente que cercava o capitão Henrique Galvão, comandante do navio português Santa Maria, que atracou no Recife em 2 de fevereiro de 1961, com 871 pessoas a bordo. Galvão apoderou-se do navio em protesto contra a ditadura salazarista, e recebeu asilo político concedido pelo recém empossado presidente brasileiro Jânio Quadros.

R\$ 45,00



**POEMAS 2**  
 Daniel Lima

Poemas 2 reúne as obras inéditas *Cancioneiro do Entortado* e *Dernantonte*, que aproximam uma expressão popular nordestina e uma brincadeira ou canção antiga, num jogo de palavras que revela o apelo à afirmação de alguém que encontra na poesia o meio de, mergulhando em seu íntimo, entregar ao leitor o que descobriu nas profundezas de si próprio.

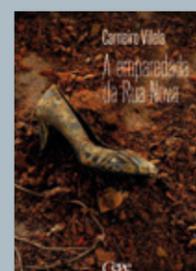
R\$ 40,00



**ARTE & ARQUITETURA NO BRASIL HOLANDÊS (1624-1654)**  
 José Roberto Teixeira Leite

Resultado de 50 anos dedicados ao estudo contínuo das artes e arquitetura no período da dominação holandesa no Brasil, o livro de José Roberto Teixeira Leite, *Arte e Arquitetura no Brasil Holandês (1624-1654)*, se debruça especialmente sobre a Arquitetura, o Urbanismo, a Jardínica e a Cartografia, sem esquecer da Literatura, do Teatro, da Música e das artes decorativas.

R\$ 60,00



**A EMPAREDADA DA RUA NOVA**

Livro mítico da literatura pernambucana, *A Emparedada da Rua Nova*, escrito por Carneiro Vilela, deve seu sucesso, em grande parte, ao mistério que cerca sua criação: o autor teria retratado um crime verdadeiro e hediondo, em que uma moça indefesa fora emparedada viva, pelo próprio pai, "em defesa da honra da família"? Ou teria Vilela, usando recursos estilísticos de grande qualidade, criado a estória que, de tão bem construída, faz com que até hoje muita gente acredite que ele se baseou em fatos reais?

R\$ 45,00

**Cepe**  
 EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** [livros@cepe.com.br](mailto:livros@cepe.com.br)

ARTE SOBRE FOTO DE ALEXANDRE BELÉM/ACERVO SUPLEMENTO PERNAMBUCO

## INEDITOS

Gilvan Lemos



# Vá vendo o caiporismo

**Nada de autobiografia**, nada de depoimento para a posteridade (ô merda!), apenas lembranças literárias, ou melhor, da minha insignificante formação de escritor. Na mocidade, eu tinha grande interesse pelas biografias e, principalmente, autobiografias. Era, talvez, uma maneira de me inspirar, porque, sem dúvida, eu pretendia ser um Grande Homem. Com o tempo, a realidade entrando-me pelos olhos (para não dizer por outras vias), fui perdendo o interesse pelo gênero, passei a dar razão a minha irmã Malude, que julgava pretensiosos, vaidosos, os indivíduos que se dedicavam a falar da própria vida, como se fosse imprescindível que outros a conhecessem. Hoje, além de vaidosos e pretensiosos, acrescento: egoístas, hipócritas e, em certos casos, mentirosos. Afinal, esses caras só contam grandeza, altruísmo, heroísmo etc. Cadê que revelam fraqueza? Uma ova, que revelam... *Há sinceridade nisso?*

Poderia parecer que eu mesmo, com essa história de “formação de escritor”, estivesse me predispondo a relatar minhas próprias vitórias. Claro que eu jamais cairia nessa esparrela. Primeiro, porque reconheço que sou escritor apenas porque escrevo livros (quem faz sapatos é sapateiro, quem faz pão é padeiro, quem costura roupa é costureiro... Portanto, quem escreve livros é escritor, não é mesmo?); segundo, porque, em seguimento a este relato, me ocuparei, principalmente, dos fracassos. Não para me lastimar, granjear simpatia, obter caridoso perdão, cristianíssima remissão, sim para me vingar do que bestamente chamamos de *destino*, revidar com autoridade *suas* provocações, mostrar *-lhe* que não as aceitei, aceitei, passivamente.

O título, por que o título? Lembro-me dum conto de Machado de Assis, no qual são relatados os azares de certo personagem, sempre entremeados com a observação do autor: “Vá vendo o caiporismo”. É o que, a partir de agora, parafraseando o genial Machado de Assis, passo a referir: VÁ VENDENDO O CAIPORISMO.

Sendo o último filho duma prole de cinco, quase cinco anos mais novo do que o penúltimo, vivi muito tempo isolado, em companhia de minha mãe. Somente aos sete anos passei a frequentar a escola, como era costume na época. Meu pai no trabalho, meus irmãos na escola ou em companhia dos amiguinhos e eu sob a vigilância materna. Habituei-me, pois, a brincar sozinho. Jogava dama comigo mesmo, baralho, futebol de botão; construía casinhas, fazendas de boi de osso; executava aventuras copiadas dos seriados do cinema. Eu me constituía em fazendeiro e boiadeiro, ladrão e delegado, herói e bandido, em disputas intermináveis. Dialogava em pensamento com meus desafetos, participava de sua vivência enredada. Havia uns bonequinhos de celuloide, do tamanho dum dedo, que minhas irmãs utilizavam como filhos de suas bonecas de pano; eu, como personagens. Tudo isso à porta da cozinha, no jardinzinho que mamãe conservava com afeição de agricultora frustrada: sempre desejou ser fazendeira, como seus ascendentes. Minhas atividades distrativas, contudo, passavam-me despercebidas. Só

tive conhecimento de que *eu era assim* quando certa vez ouvi de minha mãe, esclarecendo à vizinha que me observava, curiosa: É assim o dia todo, passa horas aí, brincando sozinho.

Que seria isso, enfim? Do meu temperamento, do meu retraimento? Porque, na verdade, eu, por ser o caçula, era muito privilegiado. Ao chegar da rua, meu pai me sufocava de carinhos, enquanto esperava o jantar carregava-me para sua cama, a puxar conversa, a rir dos meus disparates. Minha mãe, meus irmãos... Claro que eu apreciava suas afeições, mas havia momentos em que preferia me separar delas. Discrição, constrangimento... Sempre fui muito imaginoso. Aos enredos dos filmes a que assistia colocava adendos da minha imaginação; os dramas íntimos relatados, em tom de queixa, por minha mãe, eu amenizava, transmutando o enredo. Tudo isso intimamente, *sem ninguém saber*. Devo acrescentar, entretanto, que nunca fui mentiroso, jamais fui pegado, por quem quer que fosse, numa mentira. Imaginoso, sim; mentiroso, não.

O cinema foi meu primeiro deslumbramento. Diante da tela eu me multiplicava. Mas aquilo era verdade, existia de fato, e eu estava lá dentro, participando de tudo. Se havia cena comovente, eu chorava; se hilariante, morria de rir. Era um mundo novo que me fascinava, embora não o entendesse. Deslumbramento que foi acrescido com as histórias em quadrinhos, que vim a conhecer mais tarde. Eram distrações, no entanto, que me encantavam e ao mesmo tempo martirizavam. Sim, porque não dispunha delas como era do meu insaciável desejo. Cinema, só às terças-feiras, dia do seriado. Aos domingos, a mil e seiscentos réis a entrada, eu ficava de fora. De fora, vagando pela rua, angustiado, a ouvir o retinir da campanha anunciando a sessão. Enquanto a ouvisse, havia esperança. Botava a imaginação a trabalhar. Dez tostões perdidos, sem dono, à beira da calçada. Ou remanescente da feira do sábado. Ou caído do bolso de algum bêbado. A campanha retinindo e eu... nada. Só a imaginar. Como nas histórias dos filmes, repentinamente surgia um milionário na praça, em seu carro monumental dirigido por motorista fardado, por certo perdido. Abordava-me: Meu filho, onde estou, que cidade é esta? Eu o atendia, trêmulo de emoção, previsão: São Bento. E ele, bondoso: Que está fazendo a esta hora na rua? Eu lhe confessava meu sofrimento. E o milionário desconhecido, abrindo a carteira de cédulas: Tome, vá pro cinema, leve mais esse trocado pra comprar confeitos. Mas fatalmente a campanha deixava de tocar, o milionário desaparecia, eu me convencia de que a sessão havia começado. E eu mais uma vez frustrado, do lado de fora, chorando, revoltado com a sorte, com a vida, com meus pais que não tinham dinheiro nem para me pagar uma entrada de cinema. Quanto aos Gibis, nome que generalizava as revistas em quadrinhos, o suplício se assemelhava. São Bento na época não tinha mais do que 2.500 habitantes. Desservida de estrada de ferro ou de rodagem federal, isolava-se

## SOBRE O TEXTO

Esse trecho faz parte de um ensaio que estará, na íntegra, em livro biográfico sobre Gilvan Lemos, editado pela Cepe, como parte da coleção *Memória*

# INEDITOS

Gilvan Lemos

entre Garanhuns e Caruaru, cidades maiores, às quais só se alcançava em carro de aluguel, em caminhões de carga ou de feirantes. Inexistia livraria ou banca de revistas, de modo que Gibi era produto raro, que apenas interessava aos garotos. Milagre, aparecer um Gibi em São Bento, levado por algum estudante em férias, um visitante ocasional...

Neste momento, sou obrigado a abrir um parêntese para falar de duas pessoas que, nas circunstâncias a que me referi, tornaram-se-me grandes benfeitoras, espontaneamente amenizaram meu sofrimento. A primeira delas foi Major, sargento da polícia, amigo de minha família, nomeado delegado da cidade. Major (apelido), era um grandalhão de aspecto simpático, cujo cinturão ameaçava estourar em sua farda oficial, sempre com um charuto na boca, o que mais acentuava sua aparência com Churchill, o herói inglês da 2ª Grande Guerra Mundial. Nas noites de sessões em que eu estava interdito, por falta de dinheiro, após o jantar ia tocar Major no Café de Antônio Lalau, onde ele fazia hora, a bebericar uma caninha, em companhia de amigos. Que suplício! A inesquecível campanha a retinir, Major a se demorar na conversa, eu vendo a hora de a sessão começar. Quando afinal ele se decidia a encerrar o assunto, eu corria na frente, postava-me à entrada do cinema, armado dum *arzinho muito infeliz*. Logo que me avistava, Major sorria, naturalmente compreendendo tudo, dava-me uma tapa na cabeça, empurrando-me para dentro: Caminhe, corrupto (dizia “curruto”)! Isso, quanto às sessões de cinema.

Com referência aos Gibis... Joaquim Ezequiel era nosso vizinho da Rua José Mariano. Dono duma fabriqueta de queijo, tinha família numerosa. Uma de suas filhas menores, Lilia, mais ou menos da minha idade, cursava comigo o primário, comigo se aventurava nas cercanias da fabriqueta, até a hora em que se aprontava o queijo, que era retirado dos tachos para ser pesado. O mestre então nos dava em papel impermeável (amarelo, como me lembro!), pequenas porções, branquíssimas, borrachudas, que segurávamos nas pontinhas, por causa da quentura, e ficávamos a beliscar, na medida em que esfriavam. Em seguida, Joaquim Ezequiel, com a família, mudou-se para Maceió. Anos depois, eis que recebo inesperadamente um pacote enorme de Gibis, verdadeira coleção. Lilia, que me mandara de Maceió. E ficara mandando, para minha felicidade.

Major, depois que saiu de São Bento, não mais o vi. Sabia dele por intermédio da família. Mais ou menos na década de 60, soube que havia morrido em Carpina, onde destacava, ainda como delegado de polícia. E Lilia fez carreira na televisão. Telejornalista, atriz de telenovelas, morreu no Recife, pertencente ao quadro da TV Jornal do Commercio. Jamais esquecerei os momentos de indizível ventura que me proporcionaram.

Eu era naturalmente um menino solitário, já pelo meu temperamento, já pela doença dos olhos que me acometera quando eu andava pelos onze anos de idade. Conjuntivite primaveril, havia diagnosticado o estudante de oftalmologia, nosso primo, que vinha do Recife passar as férias em companhia dos pais. Adiantando: Você se livra dela quando atingir a maioridade. Foi, realmente, o que aconteceu. De manhã eu acordava com os *olhos pregados*, sem poder sair do quarto por causa da claridade, que me encandeava, causando-me um verdadeiro choque lacrimajante. Para ir à escola eu tinha de acordar antes do horário previsto, a fim de *acostumar a vista*. Caíam-me os cílios, as pálpebras inflamavam, cercavam-se de carocinhos, como terçoís. Vaidoso, envergonhava-me de exibí-los, até que meu pai comprou-me uns óculos escuros, desses vagabundos, de lentes marrons, vendidos na feira. Ainda estava feliz? Veio-me, então, a enxaqueca, eu estava com uns treze anos. Fui pegado de surpresa, na rua. De repente minha visão começou a ser atrapalhada por umas argolas brilhantes, a movimentar-se constantemente, aumentando de tamanho (a esses sinais os médicos chamam de *escotomas*), quase me impedindo de enxergar. Corri pra casa, julgando tratar-se de algum sintoma da conjuntivite. Minha mãe esclareceu, experiente: É enxaqueca, vá se deitar. Era mal de família. E como incomodava! Quando os escotomas desapareciam, vinha uma dor de cabeça de rachar, que não passava com remédio algum. Náusea, vômito, dormência nos pés, nas mãos. Era um dia perdido para mim. A enxaqueca ficou me visitando semanalmente, às vezes dois, três dias seguidos. Diziam: Mas isso é doença de velho. Curioso é que, igualmente à conjuntivite, ao atingir a maioridade a enxaqueca desapareceu, voltou-me 36 anos depois, estou com ela, e os médicos dizem: Na velhice, comumente a enxaqueca desaparece. Só se for nas pessoas normais, em mim, não.

Apesar de tudo, diante do caiporismo que se sucedia, não fui uma criança infeliz. Magro que nem um caniço, participava de toda brincadeira infantil,

enfrentava qualquer parada (quando não estava com enxaqueca), corria feito um raio, era craque da pelota (jogando de óculos escuros na cara, evitando, porém, as cabeçadas).

Refugiava-me nas historietas dos Gibis. Terminado o curso primário, sem meios de continuar os estudos, era neles que eu aprendia. Em São Bento não havia colégio, meu pai não tinha condições de me internar em Caruaru, Garanhuns ou mesmo Pesqueira, cidades vizinhas. Minha mãe lamentava não aproveitar pelo menos eu e minha irmã mais velha, os mais inteligentes, a seu ver, os que mais se interessavam pela leitura. Mas eu e Malude líamos por prazer, sem qualquer interesse de nos ilustrar. Se eu lamentava não poder frequentar um colégio era simplesmente por vaidade. Sentia-me diminuído diante dos primos e amiguinhos que o podiam. Como os invejava ao regressarem nas férias, uniformizados, gaguejando frases em inglês ou francês, até citando latim: “*Errarum humano est*”. (Ainda hoje nem sei se é assim que se escreve.) Meu pai me consolava: Vá ver que você *sabe* muito mais do que eles.

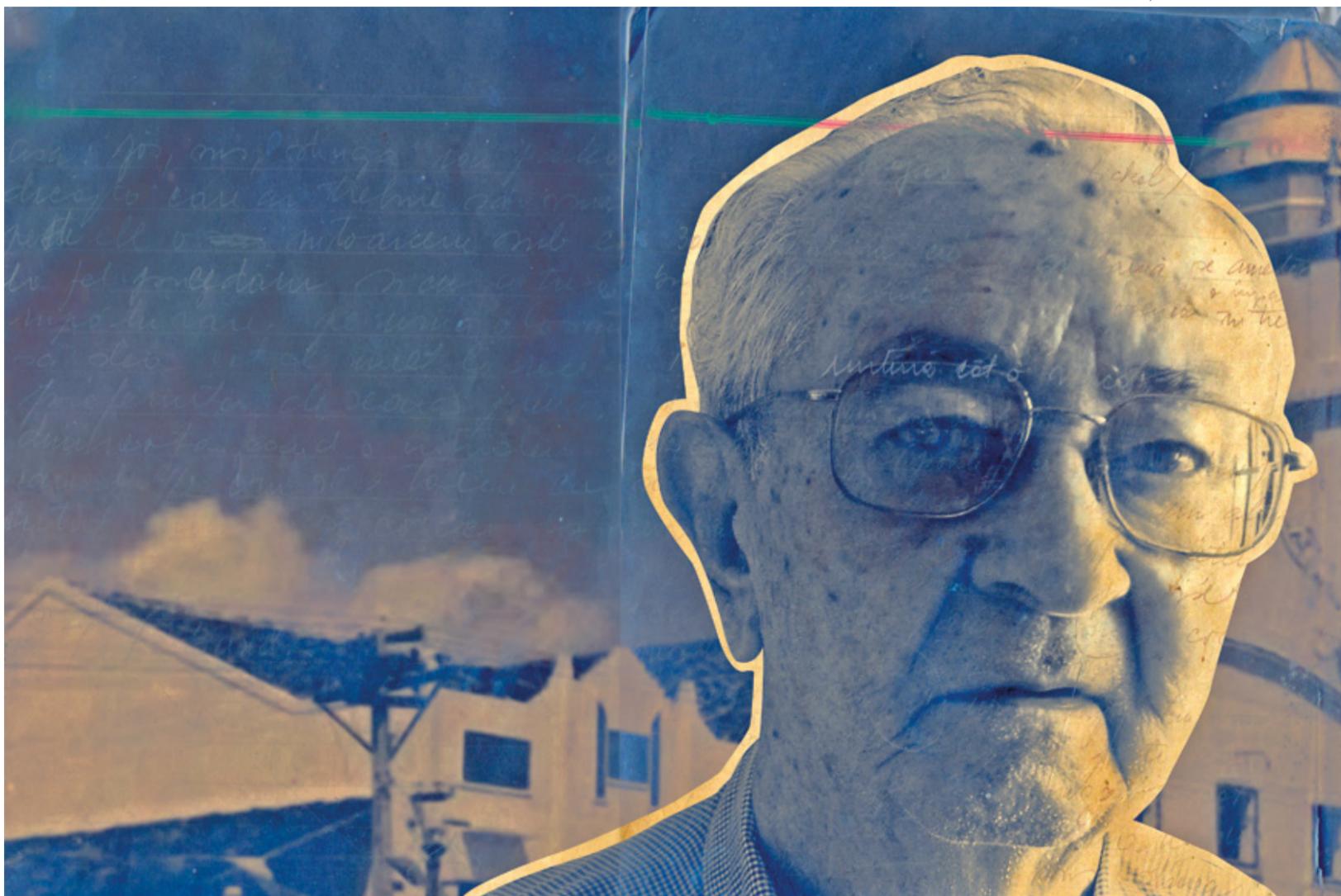
Inventei de ser desenhista. Comecei copiando os quadrinhos, por fim lancei minha própria revista, com histórias criadas por mim, desenhadas por mim. De início, em cadernos de cálculos, sobrados da escola. Sem pauta, porém de superfície meio porosa, onde a tinta, não raro, borrava. Havia um papel de embrulho que tinha um dos lados impermeável, cuja folha inteira custava um tostão. Uma folha, recortada apropriadamente, dava uma revista das minhas. Grampeava-a com grampos retirados de velhas edições d’*O cruzeiro* ou de cadernos usados. Nasceu, então, *O farol*. Semanal, com histórias episódicas, continuadas, como nos Gibis. Todas as histórias eram da minha autoria. Para dar maior seriedade à revista, para cada história eu inventava um autor. Me decepcionara ao saber que os heróis dos Gibis eram americanos. Nacionalista como os diabos, fiz com que meus heróis fossem todos brasileiros. Só que aqui e acolá traía-me ingenuamente. Havia o índio Tapir, das selvas amazônicas (imitação de Tarzan); o Condor, êmulo de Batman (sem Robin); contudo, havia também Tommy e Hal (“parecidos” com Tim e Tom, da Patrulha do Marfim) e o cowboy Tom Merril (um quase Bronco Piller, das páginas do Gibi).

Tudo muito precário, desenhado com tinta azul, escolar, marca Sardinha e pena comum, que logo escarrapachava (o computador, chato pra burro, está *dizendo* que o certo é assim, mas nós dizíamos “escarrapichava”). Ouvia falar duma tinta pra desenho, chamada de Nankim, que eu nunca cheguei a pelo menos ver. Em São Bento, não. Como, igualmente, jamais recebera uma aula de desenho, jamais conhecera um desenhista. Tudo que eu fazia era sob a orientação de Malude que, como eu, completara apenas o curso primário da escola de Dona Esterzinha Siqueira, no Grupo Escolar Barbosa Lima. Contudo, minha fama de artista se espalhou. Os amiguinhos iam lá em casa ler *O farol*, acompanhar as aventuras dos meus heróis. Um número único, que passava de mão em mão, comigo ao lado, vigilante, temendo que o estragassem. De vez em quando meu pai violava a gaveta onde eu os guardava, a fim de gabar minha habilidade aos amigos dele. Cheguei a desenhá-los jogadores de futebol para o União Sport Club, por encomenda do Dr. Ademar Paiva, que me pagou vinte mil réis por eles. Um dia quase morro de gosto, porque meu tio e padrinho Getúlio Valença, respeitado na cidade pelos seus conhecimentos gerais e que eu muito admirava, elogiou meus desenhos. Sabendo das condições em que eu os executava, concluiu: Vocação inata. Só que eu não sabia o que significava *inata*.

Durante a guerra deflagrada pelo Eixo os Gibis passaram a ser invadidos pelos Super Heróis, homens de poderes excepcionais, sobrenaturais, que voavam, tinham visão de raios X, eram imunes a tiros, pedradas, facadas etc., todos norte-americanos, a combater os nazistas. Bastava uma dessas personagens, Capitão América, por exemplo, para dizimar um pelotão inteiro de alemães. Isso me desgostou, me esfriou com relação à leitura das histórias em quadrinhos. Malude, então, me socorreu: Leia romance. Ela própria lia bastante, já influenciada por nossa mãe que, embora de poucas letras (não tinha nem o primário), vivia com um à mão. Na mezinha do quarto de mamãe havia uma ruma de romances, duma coleção chamada CIP, na contracapa o desenho duma mão com dois dedos levantados, indicando o preço do livro: dois mil réis. Eram volumes diminutos, em papel ordinário, creio que precursores dos atuais livros de bolso. Verdadeira coleção, e variada que era: *O conde de Monte Cristo*, *Humilhados e ofendidos*, *O homem que ri*, *Escaramouche*, *Os miseráveis*, *A moreninha*, *O moço louro*, *Inocência*, *O prisioneiro de Zenda*, *O Máscara de Ferro...* e por aí em diante.

Eu pegava um a um, largava, desencantado. Enormes, letras miudinhas, sem gravuras. Um dos autores chamava-se Fiedor Não Sei Que Lá. Um escritor com

ARTE SOBRE FOTO DE ALEXANDRE BELÉM/ACERVO SUPLEMENTO PERNAMBUCO



o nome de “fedor”... Malude destacou *O conde de Monte Cristo*: Leia este, você vai gostar. Iniciei sua leitura meio desanimado, mas logo me deixei absorver pelas aventuras de Edmond Dantés, sua inominável sede de vingança. Na época havia a continuação desse romance, *A mão do finado*, que li com o mesmo interesse. Anos depois foi que fiquei sabendo que se tratava dum livro apócrifo, parece que bolado por um português, e por muitos anos tido como da autoria de Alexandre Dumas. Aliás, nunca mais ouvi falar de *A mão do finado*.

D’ *O conde de Monte Cristo* passei a outros autores, principalmente nacionais. Meu irmão mais velho, já residindo no Recife, trazia nas férias os da moda. José Lins do Rego, Érico Veríssimo, Jorge Amado... Estes, logo me conquistaram: narravam “coisas da época, dramas regionais, de nosso conhecimento”. Entretanto, para os velhos da família, muito imorais. Li *Banguê*, de Zé Lins, escondido: Não é livro pra criança, determinara meu irmão.

Mas eu achava que Jorge Amado era “pior”. Para mim, a Jacarecanga dos personagens de Érico Veríssimo era, sem tirar nem pôr, São Bento. Os mesmos costumes, as mesmas intrigas familiares. Aquilo era vida, realidade. Iam aos poucos surgindo novos romances, que líamos em conjunto, parentes, amigos, o livro passando de mão em mão, comentados à noite, na praça. Eu, que já tinha os olhos inflamados, da conjuntivite, parecia que os lia chorando, tal a maneira como lacrimejavam. Sem mais a obrigação da escola, era dos romances que me ocupava, dia e noite agarrado neles. O motor da luz elétrica, convencionalmente, parava à meia-noite. As onze e meia fazia pequena interrupção, era o “sinal”, um aviso de que à meia-noite em ponto todas as luzes da cidade se apagariam. E eu sozinho na sala, os demais membros da família recolhidos, e eu lendo, aproveitando o restinho de claridade. Preocupada por causa da minha doença, minha mãe gritava do quarto: Vá dormir, não apure tanto a vista. A lâmpada não se apagava de vez, ia esmorecendo aos poucos. Com o livro aberto, eu caminhava em sua direção, até ela se apagar definitivamente. Daí prosseguia, tateando, até a cama. Acrescente-se que nesse tempo eu tinha um medo tremendo de alma do outro mundo. Pois, com o romance na mão, esquecia até os maus espíritos, os espíritos zombeteiros, os fantasmas ocasionais. Uma verdadeira obsessão. Às vezes saía por trás de casa, sozinho, com a intriga do romance que lia no momento revolteando em minha cabeça. Penetrava nele, tomava parte no enredo, alterava desfecho, arengava com o autor. Tomava morena a garota que ele apresentava louca; antipático, o indivíduo que era para ser simpático; gordo, o magro... Se não está satisfeito com o romance, escreva um, desafiava Malude. Não o fiz imediatamente, mas iniciei-me no conto. Ciente de minhas pretensões,

## Me decepcionara ao saber que os heróis dos Gibis eram americanos. Fiz com que meus heróis fossem todos brasileiros

meu cunhado, o erudito da família, aconselhava, não a mim, quem era eu?, mas para demonstrar conhecimentos: O romance requer maiores experiências. A pessoa deve ir se exercitando, primeiro em crônicas, descrições – descrever uma feira, por exemplo, um passeio pelo campo... Depois o conto. Dispondo, então, do domínio da língua, o romance. Isso não é para qualquer um. O qualquer um, sem dúvida, era eu. Que ele não soubesse, mas não me coadunava perfeitamente com seu ponto de vista, duvidava do seu gosto literário. Para ele, os romancistas modernos escreviam de modo desleixado, seu autores prediletos não iam além de Humberto de Campos e Coelho Neto. Andava com Humberto de Campos debaixo do braço, lia suas crônicas em voz alta para uma roda de admiradores. Um dia, enjoado, me atrevi: Humberto de Campos é simplesmente cronista. A crônica é gênero dos menores na literatura. E ele, me encarando: Quem é você pra censurar Humberto de Campos!

Não perdi tempo com crônicas, descrições de feiras. Que era uma feira? Semanalmente a mesma coisa, a mesma falta de novidade, as intrigas de sempre. No maior segredo do mundo, com receio de que meu cunhado descobrisse, escrevi um conto. Li-o, reli-o, corrigi, emendei. Achei-o ótimo. Aí tive coragem de mostrá-lo a Malude. Como disse anteriormente, essa minha irmã, como eu, tinha apenas o curso primário. Mais velha do que eu oito anos, no entanto era mil vezes mais inteligente. Duma intuição extraordinária, principalmente para as artes. Sem nunca ter tido um professor, desenhava bem, pintava como uma artista de fato, entendia de tudo. Sempre foi minha conselheira, sempre acreditou em minha capacidade, previu que eu seria escritor. Quando meu padrinho Getúlio fundou o grupo teatral da cidade, escolheu-a como sua artista principal. Dizia ele: Malude é minha

prima-dona. Anos depois, já morando no Recife, ocasião em que procurei me aperfeiçoar na literatura e passei a ler ensinamentos dos grandes especialistas da matéria, encontrei neles pouca novidade. À medida que me ia apercebendo dos seus conselhos, dizia a mim mesmo: Mas Malude já me ensinava isso.

Claro que eu reconhecia minhas limitações. Saí dum curso primário mal digerido – nunca fui bom estudante: ler por obrigação, para aprender, a fim de prestar exame no fim do ano não era comigo, não tinha em que me segurar. Em contato com os escritores com os quais me identificava, seria capaz de redigir um texto mais ou menos legível. Faltava-me, porém, conhecimentos gramaticais. Por incrível que pareça, lá em casa não havia nem um simples dicionário. Tampouco, na cidade inteira, uma pessoa erudita que me desse os conselhos necessários. Valia-me de minha irmã, que também tinha suas limitações. Desesperava-me. Por que fora nascer num lugar tão atrasado? São Bento era uma cidade isolada do mundo. Mamãe dizia: Cidade que nasce numa banda nunca progride. Duma banda porque ficava à margem da estrada de ferro, da contra-seca, estrada de rodagem federal, dos principais meios de transporte. Se alguém de São Bento pretendia ir ao Recife teria de pegar o trem em Belo Jardim, ou viajar nos caminhões da fábrica, feliz se conseguia uma vaga na boleia, e purgar uma viagem que durava quase um dia. Se o viajante saía de São Bento às cinco horas da manhã, tinha de parar em Vitória para almoçar, chegando ao Recife por volta das sete horas da noite. Ônibus? Que era ônibus? Falava-se em “sopa”, meio de transporte das grandes cidades, ocasionalmente aparecido desgarrado em São Bento. Como os aviões que raramente apareciam no céu, fazendo um barulho enorme, atraindo curiosos, que permaneciam horas de cara pra cima, admirados e estranhando o acontecimento. Diziam: E um avião, por certo está perdido. Meu desespero era tamanho que já me arrependia de ter desistido de ser desenhista para ser escritor. Pensava, de início, que ser escritor era mais fácil, porque não havia necessidade de desenhar, mais fácil e menos trabalhoso. Embora sabendo que, para ser desenhista, necessitava igualmente dum professor para me ensinar a desenhar. Quem, em São Bento, seria capaz disso? Marcelino, pintor que abria letreiro nas casas comerciais? Que abaixo do indicando o Café da Noite desenhara um bule solto no espaço derramando café numa xícara também perdida no ar? (Os engraçados, para zombar do dono do café, gritavam da calçada: Acode, Zé Mendes, o café tá esborrando da xícara.) Sentia-me o desprezado do mundo, o “condutor da caipora”, como diziam os mais velhos, com referência ao sujeito azarado. Revoltava-me e, só por vingança, intimamente, desafiava o destino: Mostro se não vou ser escritor, seu porra chaleira dos ricos.

## RESENHAS

DIVULGAÇÃO



## Um panorama da nossa poesia de “baixo-ventre”

De insuspeitos como João Cabral a libertinos anônimos, o livro é de pesquisa exemplar

Schneider Carpeggiani

Foi absurda a quantidade de polêmica envolvendo a carta em que Mario de Andrade, enfim, falava da sua homossexualidade, apenas revelada este ano. Na última Flip, em homenagem ao mestre modernista, a pesquisadora Eliane Robert Moraes (foto) não apenas revelou como a sexualidade do autor se alastrava em alguns dos seus textos mais famosos, como o quanto sua obra pulsava com questões eróticas – e mais eróticas ainda por revelarem temas fundamentais para pensarmos a identidade nacional.

Essa mesma identidade Eliane busca flagrar em panorâmica na organização que realizou da *Antologia da poesia erótica brasileira*. Um trabalho que cobre os assuntos de “baixo-ventre” dos nossos escritores, desde Gregório de Matos aos contemporâneos. E mais: o livro não fica restrito apenas aos cânones, focando também em textos anônimos, uma percepção genial do

quanto o sexo é de um, de todos e de ninguém, que a pesquisadora teve ao montar sua seleção de “libertinos”.

“São misteriosos os laços que unem a poesia ao erotismo. Misteriosos e duradouros, já que o despertar da lira de Eros parece coincidir com a própria origem das línguas e, desde sempre, seus ecos vibram com intensidade por toda parte. Não admira, pois, que a escrita erótica tenha sido praticada por tantos poetas e que muitos deles tenham interrogado tais segredos para melhor conhecer o pacto entre a carne e a letra. As respostas que nos legaram repercutem, de forma notável, umas nas outras, como que reafirmando as fundações de um saber antigo”, observa Eliane em seu ensaio no começo do livro, demarcando para o leitor o terreno onde ele irá pisar daqui para a frente.

No texto, ela destaca ainda a diversidade e a vastidão (a antologia conta com 500 páginas)

de um catálogo de literatura erótica no seio da literatura brasileira: “Num esboço de prefácio a *Macunaíma*, escrito por volta de 1926, Mário de Andrade observava que, no Brasil, ‘as literaturas rapsódicas e religiosas são frequentemente pornográficas e sensuais. Não careço de citar exemplos. Uma pornografia desorganizada é também da quotidianidade nacional’. Em contraposição a essa produção licenciosa que estaria dispersa na cultura popular, o escritor evocava as formas de ‘pornografia organizada’ que entre ‘os alemães científicos, os franceses de sociedade, os gregos filosóficos, os indianos especialistas, os turcos poéticos etc., existiram e existem, nós sabemos. A pornografia entre eles possui caráter étnico. Já falam que se três brasileiros estão juntos, estão falando de porcaria...’” Ou seja, o erotismo como texto, como expressão, também faria parte de uma espécie de identidade nacional

em termos de ficção. A questão era justamente colocar ordem nesse legado, como um pastor a reunir ovelhas dispersas.

A organizadora faz questão de destacar ainda o caráter parcial do livro, como apenas um dos depoimentos possíveis do erotismo em nossa literatura. É compreensível o uso da palavra “parcial”: o jogo do erótico jamais trata do tudo descobrir, do tudo conhecer.



POESIA

*Antologia da poesia erótica brasileira*  
Org. - Eliane Robert Moraes  
Editora - Ateliê Editorial  
Páginas - 504  
Preço - R\$ 82

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

### CENTENÁRIO DE CELINA DE HOLANDA

#### Homenagens incluem lançamento de livro com CD de poesias e link especial do site Cepe Documentos

Nascida em 1915 no Cabo de Santo Agostinho, Celina de Holanda (foto), publicou seus primeiros poemas no *Jornal do Commercio* e no *Diário de Pernambuco*. Aos 55 anos publicou o primeiro livro, *O espelho e a rosa*. Elogiada por poetas como Carlos Drummond de Andrade, publicou ainda *A mão extrema*, *Sobre esta cidade de rios*, *Roda d'água*, *As viagens*, *Pantórra: o engenho* e *Viagens*

*gerais*, e participou de várias coletâneas. As homenagens pelo centenário incluem lançamento de CD, reedição de *Viagens gerais* e lançamento dos inéditos *Afago e faca* e *Tarefas de nigiam*, pela Panamerica Nordestal Editora, e órgãos de cultura do Cabo de Santo Agostinho. O site [www.cepedocumento.com.br](http://www.cepedocumento.com.br) lançará link no Arquivo Especial Centenários de Pernambuco.

REPRODUÇÃO



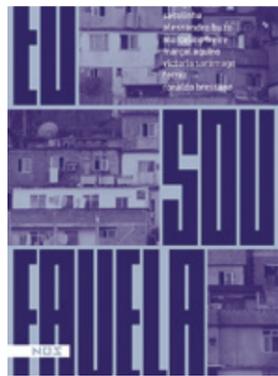
DIVULGAÇÃO



## Favela: ser ou não ser

O incômodo começa já no título. Je suis Charlie, somos todos Maju, ser ou não ser, sempre a questão. Escritores, por ofício, precisam ser outros, outras. Mas dar a uma coletânea o peso político de “ser favela”, ainda mais num livro de autores brasileiros, editado para gringo ver é perigoso. Ou você faz uma reunião de textos a tentar desconstruir o imaginário de favela, ou embala esses textos como souvenir de aeroporto. Esta edição pende pro segundo caminho. O conto de abertura do livro fetichiza a pobreza no personagem de uma criança (texto de João Anzanello Carrascoza) e o que se segue é uma maioria de contos que precisa dar conta do elemento mais simbolicamente compartilhado da favela, o crime, sem necessariamente usá-lo como uma ferramenta narrativa interessante. Quem consegue escapar dessa armadilha são

Marcelino Freire, Ferréz (foto) e Ronaldo Bressane. Mais uma observação: a coletânea traz apenas uma escritora (e apenas um dos contos tem como protagonista uma mulher, o de Ferréz). Favela, substantivo feminino, parece aqui ser um lugar de leitura e de fala preponderantemente masculino **(C.A.)**



### CONTOS

*Eu sou favela*

Autores - Vários

Editora - Nós

Páginas - 80

Preço - R\$ 22

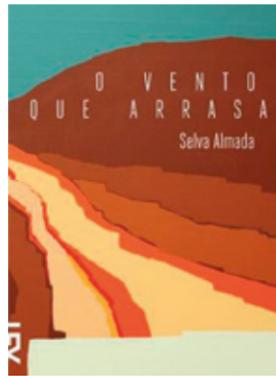
DIVULGAÇÃO



## Deus, falta ou excesso

Há uma matemática que pode ser montada no romance de estreia da escritora argentina Selva Almada no Brasil, *O vento que arrasa*: 4 personagens + 4 vidas fragmentadas por abandonos + 1 carro quebrado + 1 dia e 1 noite de espera. Mas essa conta nunca chega a um resultado satisfatório porque algo flutua por cima desses números, um medo ou uma presença tangíveis, que lança para o alto qualquer raciocínio lógico. Algo que pode ser Deus, a falta de Deus ou o excesso de um Deus, ou todas essas opções juntas, como se elas não fossem excludentes, pelo contrário: complementares. Essa novela de pouco mais de 100 páginas é sem dúvida o livro mais forte que li em 2015 até agora. Ou como pergunta a crítica argentina Beatriz Sarlo

em seu depoimento sobre a obra, que não chega sem uma dose de assombro, o assombro diante de algo como um E.T.: “De onde vem esse livro surpreendente?”. Não sei responder”. Vale ressaltar que Selva vem ao Recife no dia 5 de outubro, como convidada da Bienal do Livro de Pernambuco. **(S.C.)**



### ROMANCE

*O vento que arrasa*

Autora - Selva Almada

Editora - Cosac Naify

Páginas - 128

Preço - R\$ 29,90

## PRATELEIRA

### CLARICE,

Considerada a mais bem documentada biografia de Clarice Lispector, escrita pelo norte-americano Benjamin Moser e traduzida por José Geraldo Couto, *Clarice virgula* chega agora à sua terceira edição com capa dura. A obra permanece como o maior *best-seller* da editora Cosac Naify. O livro revela aspectos fundamentais da vida da escritora, e é o principal responsável pelo conhecimento sobre Clarice fora do País.



Autor: Benjamin Moser

Editora: Cosac Naify

Páginas: 648

Preço: R\$ 99

### CORDELENDAS – HISTÓRIAS INDÍGENAS EM CORDEL

Recém-escolhida pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ para compor seu acervo, com o selo de obra altamente recomendável, o livro de César Obeid mistura a beleza poética das lendas indígenas com o dinamismo rítmico dos versos de cordel. Através das belas ilustrações de Nireuda Longobardi, o leitor diverte-se ao mesmo tempo que encontra explicação para diversas situações e nomes de origem indígena.



Autor: César Obeid

Editora: do Brasil

Páginas: 40

Preço: R\$ 30,90

### ÉRAMOS MAIS UNIDOS AOS DOMINGOS

Seleção de crônicas do impagável Sérgio Porto, criador de Stanislaw Ponte Preta, seu alter ego, grande observador da vida carioca e da mudança de costumes nas cidades brasileiras, que criticava a ditadura com humor debochado, principalmente no livro *Febeapá: festival de besteiras que assola o país*. Os textos engraçados e os personagens populares são representativos de como o humor aliviou um dos períodos mais negros da vida brasileira.



Autor: Sérgio Porto

Editora: Companhia das Letras

Páginas: 168

Preço: R\$ 26

### REVOLTA E MELANCOLIA: O ROMANTISMO NA CONTRACORRENTE DA MODERNIDADE

Ambos sociólogos, os autores analisam o romantismo não só como corrente artística europeia do começo do século 19, mas também como expressão de uma visão de mundo complexa e atemporal que seria uma resposta ao modo de vida capitalista. Para eles, o movimento se caracteriza pela convicção dolorosa e melancólica de que valores humanos essenciais se perderam e que o romantismo representa uma modalidade de autocrítica do mundo moderno.



Autores: Michael Löwy

e Robert Sayre

Editora: Boitempo

Páginas: 288

Preço: R\$ 57

### PRÊMIO AYRTON DE CARVALHO

#### Pela preservação do patrimônio cultural

O Governo de Pernambuco, através da Secult e Fundarpe, lançou o Prêmio Ayrton de Almeida Carvalho, engenheiro que atuou na implantação do Iphan, visando incentivar ações de preservação dos patrimônios culturais tangíveis e intangíveis de Pernambuco. Poderão concorrer projetos que possam integrar o público com as diferentes linguagens da cultura. Serão distribuídos 60 mil em prêmios, sendo 20 mil por categoria.

### REVISTA L.A.B.

#### Produção reúne crítica literária contemporânea

Resultado do Projeto Laboratório: Literatura e Crítica, *talk show* que movimentou os meios literários de Pernambuco a partir de 2010 e que era exibido na TVU, foi lançada em agosto a *Revista L.A.B.*, que reproduz aqueles debates literários e inclui entrevistas, reflexões, poemas, contos e um caderno de resenhas sobre diversos autores. A revista é editada por Cristhiano Aguiar e Wellington de Melo.

### ENTOMOFAGIA

#### Mostra reúne mangás kitsch e bonecas punk

Até dezembro, pode ser conferido na Galeria de Artes do Sesc Casa Amarela o universo da artista plástica Viviani Fugiwara, que mistura mangá *kitsch* e bonecas *punk* japonesas para falar dos novos ideais femininos e da conquista de direitos, ao mesmo tempo que busca discutir a fragilidade do homem frente à natureza, na mostra *Entomofagia*. O trabalho da artista interage também com o grafite.

## MEMÓRIA

Silviano Santiago

MANUELA DOS SANTOS



# Stella Manhattan, 30 anos de gastos improdutivos e conquistas supérfluas

**Tenho 79 anos.** O romance *Stella Manhattan*, 30. Publiquei-o quando tinha 49 anos. Desde 1936, ano em que nasci no dia 29 de setembro, a lógica do três e de seus múltiplos sempre definiu a mim e aos produtos. O nove pelo viés do número três interfere na lógica de *Stella*. O romancista ganhava careca e cabelos brancos, o romance queria ser sexy. O jeito foi apelar para a memória. Localizar a trama nos anos 1960. O primeiro capítulo se abre no dia 18 de outubro de 1969. A rebelião de Stone Wall, hoje marco histórico do movimento gay, ainda era manchete. Escrito em tempos de AIDS, *Stella Manhattan* é nostálgico da revolução. A dedicatória dupla – a Auggie e a Minnie – homenageia amigos mortos.

Velhice e infância são inseparáveis – disse-nos Machado de Assis. Basta atar as duas pontas da vida para desdobrar Dom Casmurro em Bentinho e escrever a solidão amorosa que estoura em *Memorial de Aires* (ou em *Mil rosas roubadas*). Difícil é conciliar velhice e idade da razão. Expulso do núcleo vital da experiência pelo peso dos anos, você entra escarrado na idade em que a voz da Morte recita a contagem regressiva. Da desarmonia origina-se um objeto abjeto, ao mesmo tempo colorido, brincalhão e derrisório, semelhante a escultura de Niki de Saint-Phalle à porta do Beaubourg, em Paris.

Aparentemente, o protagonista do romance se divide em dois: o jovem Eduardo e Stella. Na verdade, se divide em três. Importa é a *intersecção* de um no outro, do Outro no Um. Importa o eixo cilíndrico da dobradiça que destranca e abre a porta Stella até então reprimida pela esquadrilha Eduardo. Computa-se o três – a “diferença simétrica” entre dois, como se diz na teoria dos conjuntos.

As duas placas da dobradiça e seu eixo dizem que a identidade (do ser) está para ser montada/desmontada como os *Bichos*, de Lygia Clark, ou as *Poupées (Bonecas)*, de Hans Bellmer. A identidade de gênero não é fixa nem imutável. É nômade. Coincide, no romance, com o escancarar da porta da Experiência e se figura como em quadro do pintor Francis Bacon. Em termos numéricos e

demasiadamente humanos, identidade é uma questão de diferença simétrica. Representa-se pelo número três ou pelo nove e pode dar um pulo até o 69.

*Stella Manhattan* é proverbial. É juvenil, intuitivo, lúdico, estiloso (*camp*) e tem uma moral falocêntrica (a revolução comportamental a reclamava então) que pode ser lida na batida do samba “Quem cochicha o rabo espicha”, cantado por Jorge Benjor. Não fique pelas esquinas, cochichando. Fale. Quem fala o *phalo* espicha. Passo a seguir Jorge, ao pé da letra: saia pelo mundo afora fazendo amizades, conquistando vitórias. Também não fique pensando que essas vitórias serão fáceis. Pois nesta vida de perde e ganha, ganha quem sabe perder. Perde, quem não sabe ganhar. Por isso você precisa aprender a jogar.

Paralelamente, há em *Stella Manhattan* a caracterização do homoerotismo como desperdício (de sêmen). Gasto improdutivo, conquista do supérfluo. Desejo, transbordamento e esbanjamento da libido. Excesso de energia e “desregramento de todos os sentidos” (para retomar o verso de Rimbaud). Eis o homoerotismo como elogio à Alegria e à Vida, para atualizar os conceitos nietzschiianos. O gasto improdutivo coloca contra a parede dos bons sentimentos conservadores e religiosos a noção de promiscuidade, aceita até hoje para caracterizar o universo gay.

Dentro do livro, pedi ajuda ao francês Georges Bataille. Recorri à noção de desperdício, desenvolvida por ele nos livros *A noção de despesa* e *A parte maldita*. Bataille fala do desperdício de energia, do gasto improdutivo como movimento em direção ao sagrado. Ao desdobrar o gasto como algo de improdutivo, o eixo cilíndrico da dobradiça faz saltar à vista a perda de finalidade nas trocas capitalistas. Fala-se do gasto sem retorno para que salte à vista o dom. Troca-se o seis por meia dúzia. A sexualidade adquire outro e pleno sentido. Nega o bumerangue da fertilidade que garante o retorno produtivo da troca sexual. Georges Bataille dá o exemplo das joias: não é suficiente que sejam belas e deslumbrantes. Seria possível substituí-las por falsas. O importante

é que signifiquem o sacrifício de uma fortuna pelo amor. O sacrifício do corpo pelo prazer.

À voz de Bataille acrescento a de Gaston Bachelard: “A conquista do supérfluo proporciona uma excitação espiritual maior do que a conquista do necessário. O homem é uma criação do desejo e não da necessidade”.

Não estranhem notações numéricas e citações de artes plásticas neste depoimento. Tenho medo de ser um artista comovido, tenho medo de ser um artista que comove. O medo, como em Clarice Lispector, não é sentimento que imobiliza. Se meu medo não imobiliza, leva a quê? Ao despertar da sensualidade no leitor. De que forma despertá-la? Através duma escrita ficcional que o atinja como Lygia Clark o atinge, pedindo-lhe que monte (como se monta a um cavalo, no universo de Clarice) o “bicho”. Espero atingi-lo, leitor, pedindo-lhe que trabalhe o contato epidérmico dos cinco sentidos com a escrita. Essa sensualidade, que se exige do espectador da obra de arte, são os corpos que eu gostaria de ter exposto em *Stella Manhattan*. Palavras se escrevem na página mais para serem vistas do que lidas.

Cito um trecho do romance: “Quero fazer um poema, um livro, onde a apreensão pelo tato seja o que importa. Pedir ao leitor que pegue as palavras com as mãos para que as sinta como se fossem vísceras, corpo amado, músculo alheio em tensão. Que as palavras sejam flexíveis, maleáveis ao contato dos dedos, assim como antes, na poesia clássica, elas eram flexíveis e maleáveis quando surpreendidas pela inteligência. Quero que a polissemia poética apareça sob a forma de viscosidade. Que não haja diferença entre apanhar uma palavra no papel e uma bolinha de mercúrio na mesa”.

Fechada a porta da leitura, que *Stella Manhattan* seja jogado para um canto. É o que André Gide aconselha em *Os frutos da terra*: “Quando me tiveres lido, joga fora este livro – e sai. Gostaria que te tivesse dado o desejo de sair – sair do que quer que seja e de onde quer que seja, de tua cidade, de tua família, de teu quarto, de teu pensamento. Não leves meu livro contigo”.